



PUC RIO

NANCI GASPAR MACIEL DE MOURA

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DA SEXUALIDADE FEMININA
INDICAÇÕES PARA O ESTUDO DE ALGUNS ASPECTOS
RELEVANTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para Obtenção do Título
de Mestre em Psicologia.
Orientador: Esther Frankel

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

31 de Julho de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

BIC - PUC

DOAÇÃO

NANCI GASPAR MACIEL DE MOURA

"A CONCEPÇÃO FREUDIANA DA SEXUALIDADE FEMININA"
INDICAÇÕES PARA O ESTUDO DE ALGUNS ASPECTOS
RELEVANTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para Obtenção do Título
de Mestre em Psicologia.

Orientador: Esther Frankel

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

31 de julho de 1982

78042



150
17929
TESE UC
SEC 1

Wells

AGRADEÇO A:

- ESTHER FRANKEL, orientadora desta dissertação, pela confiança e incentivo.
- CARLOS AUGUSTO NICEAS, pelo interesse e dedicação com que transmitiu seus conhecimentos.
- MARCI DORIA PASSOS e ANA CRISTINA FIGUEIREDO, pelos comentários e o incentivo amigo.
- MARCOS, BEATRIZ e JOÃO, pela compreensão e amor.
- MEUS PAIS e IRMÃOS pelo incondicional bem querer.
- RAIMUNDA BERNARDO e DENISE PINTO pela fundamental ajuda doméstica.
- À CAPES, pela ajuda financeira recebida durante o curso.

RESUMO

Este trabalho procurou identificar, numa abordagem psicanalítica, alguns dos fatores que contribuem para a formação de determinados sintomas frequentemente encontrados na clínica psicanalítica com mulheres. Estes sintomas se apresentavam sob a forma de sentimentos de culpa, desvalorização, dependência e dificuldades de realização na esfera sexual e intelectual.

Foi realizada para este fim, uma detalhada revisão da concepção freudiana da sexualidade feminina, destacando-se algumas considerações relevantes para o nosso estudo.

Em seguida, reanalisamos estas considerações a partir das contribuições de outros psicanalistas, principalmente do ângulo do Narcisismo e da Anali^{de} (nos seus aspectos objetivos e pulsionais).

Finalmente, indicou-se a relevância fundamental do papel que desempenham os fatores narcísicos e pulsionais (originários da relação primitiva da menina com a mãe) para a compreensão dos sintomas acima mencionados.

ABSTRACT

An attempt has been made to identify, in a psycho-analytical framework, some of the factors that contribute to the formation of symptoms we frequently run into, when dealing with women in our psycho-analytical work.

These symptoms appeared under the form of feelings of devaluation, guilt, dependency and lack of satisfaction in the sphere of sexuality and intellectual work.

We have conducted a detailed review of the freudian views on Female Sexuality, highlighting some of his considerations which were thought to be pertinent to our study. Next, taking into account the work of other psycho-analists, we reconsidered these problems from the perspective of Narcisism and Anality (in its instinctive and objetal aspects).

Finally, we have shown that the role played by the narcissistic and instinctive factors (derived from the mother-child relationship) is of fundamental relevance to the understanding of the symptoms mentioned above.

S U M Á R I O

I - INTRODUÇÃO.....	1
II - DESENVOLVIMENTO DA CONCEPÇÃO FREUDIANA DA SEXUALIDADE FEMININA.....	15
III - ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA (com especial referência aos aspectos narcísicos e pulsionais).....	50
IV - CONCLUSÃO	94
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

I - INTRODUÇÃO.

Este trabalho se delineou a partir de um interesse de ordem clínica surgido da prática psicanalítica com clientes mulheres, todas advindas do estrato social das classes médias e das mais diversas faixas etárias.

As questões que emanavam da prática terapêutica com mulheres giravam em torno de uma constelação de "queixas" ligadas, principalmente, à dificuldade de gozar plenamente da vida sexual, afetiva e profissional. Estas queixas se relacionavam com sintomas de frigidez, vaginismo, dispareunia e em sentimentos de culpa, de dependência, de desvalorização, de carência, de inveja e frequentes inibições no campo das realizações profissionais e intelectuais. Além disso, na medida em que o vínculo com a mãe se mostrava, na maioria dos casos, como muito poderoso e ambivalente, fazia-se necessário identificar quais os fatores primordiais em jogo na relação primitiva da menina com a mãe, que pudessem justificar as diferentes intensidades das manifestações clínicas acima mencionadas.

Estas manifestações constituem-se numa constante no trabalho clínico e por isso faz-se necessário um maior aprofundamento teórico acerca da complexidade da Psicologia da mulher.

Entretanto, não é do âmbito do nosso trabalho estabelecer as articulações entre o psicológico e o social, apesar de reconhecermos sua relevância na compreensão dos problemas relacionados com a sexualidade feminina. Outrossim, buscamos dar

indicações para o estudo de alguns aspectos do Édipo feminino relevantes para a clínica psicanalítica, numa abordagem intra-teórica.

O referencial teórico privilegiado por nós para tratar destas questões é a Psicanálise centrada no Complexo de Édipo e na Castração. Trabalharemos sobre o desenvolvimento destes conceitos básicos em relação à sexualidade feminina, inicialmente a partir da ótica freudiana. Posteriormente utilizaremos as concepções de outros autores clínicos para nos ajudar a repensar algumas questões ligadas ao tema.

Desde que os estudos de Freud colocaram em relêvo a especificidade do Édipo feminino, passou-se a prestar uma maior atenção a alguns aspectos deste, antes negligenciados, devido a suposição errônea de que este era simétrico ao masculino. Pode-se dizer com bastante segurança que o caminho que a menina tem que percorrer para tornar-se mulher, é bastante mais complexo e tortuoso que o do menino, segundo Freud o descreve. Vejamos:

- Tanto nas meninas quanto nos meninos, o primeiro objeto de amor é a mãe. Até a fase denominada de fálica por Freud, as meninas se comportam de modo semelhante ao dos meninos, se entregando à masturbação clitoridiana. Neste momento do desenvolvimento psico-sexual da menina, o clitóris seria a principal zona erógena da menina, enquanto que a vagina permaneceria como que "ignorada" por ambos os sexos.

Com a descoberta da ausência de pênis na menina (e posteriormente na mãe), se instalaria o complexo de castração, que se

ria o mōvel de uma sērie de modificações no comportamento da menina. Ao se descobrir "sem pēnis" a menina ficaria ferida no seu narcisismo, se sentindo prejudicada pela mãe que a teria feito "menos dotada" que o menino. Este ressentimento com a mãe e sua inveja (desejo) do pēnis, levariam a menina a se afastar com hostilidade da mãe, e a abandonar sua atividade fálica clitoriana, menosprezando o clitōris por considerá-lo inferior ao pēnis do menino. A menina se faz, a partir daí, mais passiva, se voltando para o pai na esperança de obter dele o pēnis tão almejado. Se de início a menina busca o pai devido ao seu desejo por um pēnis, Freud afirma que a chamada feminilidade sō se instalará quando este desejo, por equivalência simbólica, for substituído pelo desejo de ter um bebê de seu pai.

Vemos portanto que, para a menina atingir a feminilidade, ela terá que percorrer um árduo caminho que envolve a superação do complexo de Édipo Negativo, próprio da fase pré-edípica de apego à mãe, entrando através do complexo de castração no chamado Édipo Positivo e efetuando a triplice permutação especificamente feminina:

- 1 - A troca de objeto sexual.
- 2 - A troca de zona erógena.
- 3 - A troca de fins sexuais.

Este complexo percurso peculiar à sexualidade feminina, será descrito em maiores detalhes no capítulo que se segue (II), que pretende dar ao leitor uma noção mais rica do desenvolvimento da concepção de Freud acerca da sexualidade feminina. Este capítulo assentará as bases teóricas da discussão que se segue no

capítulo (III) onde, alguns aspectos da concepção freudiana acerca da Sexualidade Feminina serão discutidos em maiores detalhes.

Começaremos por investigar a Fase Prê-Edípica do desenvolvimento da mulher. No artigo "A Sexualidade Feminina" de 1931, Freud aponta a necessidade de melhor se estudar esta etapa, já que nela poderíamos identificar a gênese de algumas neuroses tipicamente "femininas", como a histeria. Para Freud existiriam algumas "afinidades" entre a histeria e a feminilidade. Freud constatou ao longo de sua experiência clínica, que a relação da menina com a mãe, era fortemente ambivalente e distinta da do menino, já que este poderia deslocar para o pai-rival todos os seus sentimentos hostis gerados na sua relação com a mãe. Entretanto nos perguntamos se haveriam razões para se supor que a relação da mãe com sua filha mulher também seria carregada de ambivalência. Freud parece acreditar que sim, na medida em que ele afirma em distintos momentos de sua obra, que a única relação não ambivalente, perfeita e satisfatória é aquela que une a mãe a seu filho homem:

"Agressiveness... already shows itself in the nursery"... "it forms the basis of every relation of affection and love among people, with the single exception... perhaps of the mother's relation to her male child".

(Freud, 1930)

Em 1931, Freud retoma a questão da ambivalência na relação dual mãe-filha, dizendo que a agressividade da menina (já reprimida) em relação a mãe, toma a forma de um medo de ser morta pela mãe:

"It is impossible to say how often this fear of the mother is supported by an unconscious hostility on the mother's part which is sensed by the girl".

Na medida em que a relação da mãe com a menina reedita, por identificação sexual, a própria relação infantil anterior, ambivalente, da mãe com sua própria mãe, poderíamos pensar que esta relação mãe-filha traz traços de uma hostilidade inconsciente por parte da mãe. Sabemos que a hostilidade, que faz parte da ambivalência própria da relação com a mãe é mais difícil de ser deflexionada no caso da menina, já que esta não pode dirigir sua agressividade para o pai, futuro objeto de seu amor. Se a menina assim o fizesse ela "entronizaria um Édipo homossexual". (Masotta, 1980). A hostilidade presente nesta relação é assim esclarecida por Masotta (1980): "Es que sella la igualdad sexual el incremento relativo de una hostilidad hacia la hija mujer". Isto nos leva a refletir sobre as relações mãe-filha dentro de uma perspectiva de um Édipo ampliado; onde a agressividade é um fator sempre presente, que aparece na mulher como um fardo pesado, que pode a aprisionar à mãe.

Freud passou a reconhecer a intensidade e extrema importância da ligação primitiva da menina com a mãe, somente a partir de 1925, quando afirma que esta revolucionara toda sua concepção de uma possível analogia entre o desenvolvimento edípico do menino com o da menina:

"We have, after all, given up any expectations of a neat parallelism between male and female sexual development".

(Freud, 1925)

Sua justificativa para esta descoberta tardia de uma não simetria entre o Édipo feminino e masculino é explicada pelo fato de que as histéricas de quem ele havia tratado "were able to cling to the very attachment to the father in which they had taken refuge from the early phase that was in question". Freud observou que uma dependência muito intensa do pai, nada mais era do que a herdeira de uma dependência igualmente forte da menina com a mãe, dependência esta, que teria durado por um longo período. O pai apareceria para a menina como a "saída" possível de sua relação ambivalente com a mãe. Como veremos mais adiante, na parte II deste trabalho, o grande motivo de afastamento da menina da mãe, seria a evidência da castração (ou "ferida narcísica") devido ao fato da mãe não ter lhe dado um pênis, nem tampouco possuir um. Assim sendo, o desejo por um pênis leva a menina a se afastar da mãe, buscando receber este do pai, e é assim que "she enters the Oedipus situation as a haven of refuge" diz Freud. Tentaremos levantar algumas questões na parte III deste trabalho acerca das razões pelas quais Freud "metaforizou" a busca do pai como a busca de um porto seguro ou de um refúgio. Esta metáfora só será entendida, a nosso ver, em referência a qualidade da relação pré-edípica da menina com a mãe, levando-se em conta o fator narcísico. Como já vimos, esta fase para Freud, "possesses a far greater importance in women than it can have in men". Para ele ela poderia estruturar as bases das futuras relações da menina com os homens. Freud notou que, muitas mulheres que haviam escolhido seu marido a partir do modelo do pai, repetiam com este em seu casamento, a sua má relação com a mãe. Na realidade, o marido havia se tornado o herdeiro da relação extremamen

te ambivalente da menina com a mãe. Isto é explicado por ele como o resultado de uma regressão à fase originária da ligação com a mãe, sobre a qual havia se construído a relação com o pai. Diferentemente do menino, a atitude hostil em relação ao progenitor do mesmo sexo não é, no caso da menina, a consequência implícita da rivalidade do Complexo de Édipo, mas se origina na fase que a precede (Édipo negativo com a mãe) e é somente reforçada e explorada na situação Edípica com o pai.

Nossas observações clínicas confirmam a hipótese de Freud de que, devido a intensidade da ambivalência existente na relação com a mãe, muitas meninas não conseguem efetuar uma verdadeira troca de objeto. Citemos Freud:

"Indeed, we had to reckon with the possibility that a number of women remain arrested in their original attachment to their mother and never achieve a true change-over towards men".

Um exemplo clínico disto, é dado por Freud no seu artigo "The Psychogenesis of a case of homosexuality in a woman", onde Freud relata o caso de uma moça, filha única mulher dentre três filhos homens, que tinha uma relação extremamente ambivalente com a mãe. Freud descreve as diferentes atitudes da mãe em relação aos filhos e a filha desta maneira: "being decidedly harsh towards her daughter and over indulgent to her three sons". A menina provavelmente se protegeu desta relação desenvolvendo um intenso apego ao pai. No momento porém que a mãe engravidou de novo do pai (a menina contava com 16 anos na época), isto transtorna

toda a relação da menina com o pai, causando seu afastamento deste e de todos os outros homens e passando então a adotar uma posição masculina. A partir daí tem um caso amoroso público com uma mulher madura. Freud explica esta mudança como uma atitude "consciente" de vingança contra o pai que a havia traído com a mãe; sendo esta a razão de seu afastamento do pai e de todos os outros homens, escolhendo uma "substituta" materna como seu novo objeto de amor. "Her relation to her mother had certainly been ambivalent from the beginning, and it proved easy to revive her earlier love for her mother, and with its help, to bring about an overcompensation for her current hostility towards her. Since there was little to be done with the real mother, there arose from this transformation of feeling, the search for a substitute mother to whom she could become passionately attached". Freud explica esta sua atitude homossexual como resultado de sua fúria ou vingança ligada a decepção com o pai. Enfatizando o caráter secundário desta "homossexualidade", Freud não pode se dar conta inteiramente de todo o significado não explorado por ele da relação primitiva pré-edípica da menina com a mãe. No entanto ele pode vislumbrar a força desta relação pré-edípica ao perceber a fragilidade do amor edípico desta moça pelo seu pai, o que a fez regressar a partir de uma "decepção", a uma escolha homossexual de objeto.

Trataremos das vicissitudes da relação pré-edípica da menina com a mãe na parte III deste trabalho, pois como já vimos, esta etapa influencia a maneira pela qual se efetuará ou não a tríplice permutação exigida no Édipo feminino. O aspecto privilegiado por nós para focalizar esta fase será o do narcisismo;

jã que partimos do pressuposto que, de início, a função materna fun
damental é a de confirmação narcísica da criança. É necessário
lembrar, como o faz Godino (1979), que esta função materna depen
de da organização do inconsciente materno fundado no complexo de
castração, ou seja, de que maneira a mãe instaura no seu incons-
ciente a equação simbólica "pênis-bebê", "fruto da confrontação
entre a premissa universal do pênis e a evidência da diferença
sexual anatômica".

Outro aspecto do narcisismo ligado a Sexualidade Feminina, a ser explorada na parte III deste trabalho, diz respeito à afirmação de Freud de que, em geral, as mulheres são mais narcisistas que os homens, sendo que ele classifica a escolha de objeto narcísica como tipicamente feminina. Passemos a nos reportar ao texto "Introdução ao Narcisismo" de 1914, no qual ele faz estas observações acima mencionadas. Neste artigo Freud denomina de eleição narcísica de objeto aquela na qual o objeto é eleito segundo quatro modalidades possíveis: 1) Como o sujeito é, 2) Como ele foi algum dia no passado, 3) Como o sujeito gostaria de ser e 4) Como alguém que já foi algum dia parte do sujeito. No entanto, quando Freud fala no mesmo artigo da escolha narcísica de objeto típica da mulher, ele a coloca nos seguintes termos: A mulher elege como objeto sexual aquele homem que a ama, que a valoriza, que a transforma no seu "ideal". Notemos que o que está sendo enfatizado aqui, é que, através do amor de um homem, o que é satisfeito na mulher é seu próprio narcisismo, ou seja, sua auto-estima. Teríamos então dois grupos distintos de definições de eleição de objeto "narcísica" no texto de 1914: Uma que diz respeito a uma escolha segundo a imagem e semelhança do Ego do

sujeito; e outra, que tem por finalidade elevar a auto-estima, a vivência de perfeição e completude do sujeito. Esta última seria o caso que Freud considera típico das mulheres narcisistas às quais ele se refere neste texto:

"Thus we attribute a larger amount of narcissism to femininity, which also affects women's choice of object, so that to be loved is a stronger need for them than to love"...

Posteriormente, na parte III, veremos por que razões as mulheres se tornariam mais narcisistas que os homens em geral, sendo que já podemos chamar a atenção aqui para as relações de afinidade que Freud sugere entre a feminilidade, um narcisismo incrementado, e a histeria.

Para melhor entendermos a afirmação de Freud, de que o que as mulheres desejam é um homem que as ame, fazendo delas um "ideal", retomemos o texto de 1924 de Freud, "A Dissolução do Complexo de Édipo". Neste, Freud reflete sobre as diferenças da dissolução do Édipo no menino e na menina, concluindo que já que estas "já são castradas" elas não tem mais a ameaça ou o temor à perder o pênis (órgão narcisicamente valorizado) como motivo para a instalação do Superego, entendido assim como um "aparato" de proteção ao narcisismo do menino. Freud conclui que a ameaça de castração na mulher tem um distinto conteúdo: O que a mulher teme na realidade é a perda do amor. Assim ela também erige o Super-ego que tem a função, como já vimos, de estabelecer as normas pelas quais o narcisismo será preservado. Como a ameaça de cas -

tração na mulher é de "perda de amor", o Superego desta é muito mais pessoal que o do menino e portanto mais dependente externamente que o dele. Generalizando, a mulher "obedece" ao Superego do homem de quem ela deseja obter o amor.

Em "Inhibitions, Symptoms, and Anxiety" (1926) Freud fala da angústia de perda de amor na mulher, fazendo uma clara analogia entre a histeria e a feminilidade:

"It is precisely in women that the danger situation of loss of object has remained the most effective. All we need to do is a slight modification in our description of their determinant of anxiety, in the sense that it is no longer a matter of feeling the want of, or actually losing the object itself, but of losing the object's love. Since there is no doubt that hysteria has a strong affinity with femininity, just as obsessional neurosis has with masculinity, it appears probable that, as a determinant of anxiety loss of love plays much the same part in hysteria as the threat of castration does in phobias and fear of the super-ego in obsessional neurosis".

Tanto no caso da mulher, como de modo semelhante no da histeria, diz Freud, estas não necessitam amar, mas serem amadas. Elas desejam através do amor, que a façam objeto de uma

peculiar valoração narcísica; ou seja, que as tornem perfeitas, completas, preenchendo assim sua carência narcísica. O amor neste sentido teria, no inconsciente, o valor de um "atributo fállico" equivalente a posse de um pênis, enquanto este recebe a suposição de corresponder ao "falo" (o que é característico da fase fálica). Nesta fase o que existe é a oposição entre ter pênis ou ser castrado, já que a vagina ainda não foi descoberta. Ou seja, nesta fase em que a mulher se descobre "castrada", o pênis adquire o significado de tudo aquilo que lhe falta para torná-la completa, perfeita e autônoma. A castração é entendida, desta perspectiva, como a perda ou ausência desse valor fállico inconsciente. A ameaça de perda de amor toma, a partir daí, o significado da perda de um valor fállico. O sentido da palavra narcisismo utilizada nesta parte do trabalho é portanto da ordem da vivência de perfeição, auto-satisfação, completude, enfim, de hiperestimação de si mesmo. Ficará mais claro adiante porque Freud explica que o incremento do narcisismo na mulher é da ordem da "compensação" pela falta de um pênis ou pela carência de um valor fállico. Assim diz Freud:

"The effect of penis envy has a share, further, in the physical vanity of women, since they are bound to value their charms more highly as a late compensation for their original sexual inferiority".

Fica aqui esboçado, o que retomaremos mais adiante neste

trabalho e que diz respeito à dinâmica entre os fatores narcísicos e a inveja do pênis na mulher.

O último aspecto relevante para a clínica psicanalítica a ser melhor investigado neste trabalho, diz respeito a importância dos componentes sádico-anais (e seus correspondentes fantasmáticos) na Sexualidade Feminina. Tentaremos fundamentar a contribuição que este tem na organização genital feminina a partir de observações de Freud e outros autores. A título de introdução gostaríamos de explicar que o sadismo existente no componente anal é o resultado de uma fusão pulsional entre elementos eróticos e agressivos em proporções que podem variar; sendo que este balanceamento influi, de maneira decisiva, no destino sexual genital do homem e da mulher. Sabe-se que para que a menina efetue a troca de objeto, ela deverá idealizar temporariamente o pai e seu pênis, projetando neles os aspectos bons (eróticos) da sua relação com a mãe e deixando com a mãe os aspectos agressivos. Isto implica necessariamente numa defusão pulsional temporária entre os componentes pulsionais eróticos e agressivos. Uma das hipóteses que levantamos é a de que, quando a relação pré-edípica da menina com a mãe tiver sido muito danosa ao seu narcisismo (havendo com isso um incremento dos aspectos agressivos) e quando o pai não oferecer apoio suficiente para a projeção dos aspectos bons, remanescentes da relação com a mãe; o processo necessário de idealização temporária do pai e de seu pênis não poderá manter-se, instaurando uma situação triangular. Neste caso o pai acaba por não diferenciar-se suficientemente da mãe, desempenhando apenas um papel de substituto materno e não se investindo portanto da função e atributos paternos. A idealização do pai

e seu pênis não deverá ser mantida além da função que cabe a esta num primeiro momento, já que esta implica na defusão pulsional que já descrevemos, ocasionando sintomas como a frigidez e outros. Ao manter a defusão pulsional, os aspectos eróticos são investidos no pai; mas os aspectos agressivos remanescentes terão que ser recalçados e contra investidos. Isto tem vários resultados, dependendo da proporção entre os aspectos agressivos e eróticos. Se os aspectos agressivos predominarem, teremos sintomas ligados à culpabilidade de incorporação do pênis e um grande temor a penetração, que pode resultar em sintomas como o vaginismo e a dispareunia. Na medida em que os aspectos eróticos predominarem sobre os agressivos na fusão do componente sádico-anal, teremos um balanceamento pulsional favorável ao estabelecimento de uma relação sexual e afetiva prazerosa com o homem e seu pênis. Os concomitantes fantasmáticos da pulsão serão mais desenvolvidos na última parte deste trabalho.

Esperamos ter clarificado nesta introdução o esboço dos temas a serem desenvolvidos neste trabalho; que trata das relações ou articulações entre os aspectos presentes na relação primitiva da menina com a mãe que poderiam contribuir para uma maior ou menor integração entre os aspectos narcísicos e pulsionais, de cuja dinâmica fundamental dependerá a nosso ver, a compreensão clínica de vários sintomas da Vida Sexual e Mental da Mulher, que são a razão de ser do nosso trabalho.

II - A CONCEPÇÃO DE FREUD ACERCA DA SEXUALIDADE FEMININA

Nosso intuito neste capítulo é o de apresentar os mais importantes textos de Freud acerca da Sexualidade Feminina. O conhecimento destes textos se faz necessário na medida em que neles surgem questões que serão retomadas e desenvolvidas no terceiro capítulo desta tese; que analisa algumas considerações feitas por Freud acerca da sexualidade feminina.

Decidimos começar pelos "Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade" (1905), onde Freud tenta sistematizar suas descobertas sobre a sexualidade humana do ponto de vista psicanalítico.

Os quatro textos que o seguem já partem do ano de 1923, ou seja, dezoito anos depois de Freud ter publicado pela primeira vez seus "Três Ensaios sobre uma teoria da Sexualidade".

Nos parece importante tecer algumas breves considerações históricas acerca do caminho percorrido por Freud, que parte do ano de 1897, quando o Édipo é esboçado pela primeira vez, até o ano de 1923, quando ele passa a sistematizar todo o conhecimento adquirido através dos anos e que culmina com os artigos de 1931 (Sobre Sexualidade Feminina) e 1933 (Sobre a Feminilidade), onde o Édipo é formalizado num de seus aspectos mais obscuros.

Para introduzirmos o texto dos "Três Ensaios", remontemos ao período que o antecede e onde Freud faz suas primeiras descobertas acerca do inconsciente. Foi a partir dos seus estudos sobre os sintomas histéricos que Freud começou a presumir a existência do inconsciente. Ao estudar a histeria Freud se deu conta que os sintomas histéricos eram substitutos físicos de conteúdo

dos mentais que a doente não desejava recordar. Descobriu então que, na infância dos neuróticos, estes teriam sofrido experiências reais de sedução sexual por parte de adultos e, como sua sexualidade ainda estaria "adormecida", na puberdade, quando esta despertasse, tornava patogênica a recordação do trauma ocorrido na infância. A teoria do trauma, portanto, pressupunha a inexistência de uma sexualidade infantil. Se tornou mais tarde claro para Freud, que estas recordações inaceitáveis para o sujeito eram de caráter sexual, sendo estas as que constituiriam o núcleo do inconsciente, visto neste momento como uma formação patogênica. Com a descoberta do Édipo infantil e a percepção do caráter de fantasia das cenas de sedução sofridas na infância; o trauma deixa de ter sua grande importância na etiologia das neuroses. Surge então a idéia de uma sexualidade infantil e Freud passa a explorar o mundo das fantasias e desejos inconscientes ligados ao Édipo.

Numa carta a Fliess de 1897 o complexo de Édipo é pela primeira vez esboçado ⁽¹⁾. No entanto este só encontrará seu lu-

(1) Carta nº 17 "Los origenes del Psicoanálisis" XXII - Obras Completas Sigmund Freud - (Cartas a Fliess) - Santiago Rueda-Editor "Hasta ahora no he hallado nada totalmente nuevo"... "Se me ha ocurrido sólo una idea de valor general. También en mi comprobé el amor por la madre y los celos contra el padre, al punto que los considero ahora como un fenómeno general de la temprana infancia aun que no siempre ocurren tan prematuramente como en aquellos niños que han sido hecho histéricos"... "Si es así, se comprende perfectamente el apasionante hechizo del "Edipo Rey", a pesar de todas las objeciones racionales contra la idea del destino inexorable que el asunto presupone... el mito griego retoma una compulsión del destino que todos respetamos porque percibimos su existencia en nosotros mismos. Cada uno de los espectadores fue una vez, en germen y en su fantasia, un Edipo semejante, y ante la realización onírica trasladada aquí a la realidad, todos retrocedemos horrorizados, dominados por el pleno impacto de toda la represión que separa nuestro estado infantil de nuestro estado actual".

gar formal de destaque dentro da teoria anos mais tarde; constituindo-se no complexo nuclear das neuroses. No ano de 1900 Freud publica o seu famoso capítulo VII do seu livro "The interpretation of Dreams", onde ele formula a teoria do funcionamento do aparelho psíquico com as leis que o regem.

O Inconsciente é regido pelas leis do processo primário, que se constitui na sua sintaxe particular. É o processo primário que está a serviço do desejo inconsciente. Ao demonstrar a analogia entre a formação dos sonhos e a formação dos sintomas, Freud descobre que são os mesmos mecanismos inconscientes que intervêm, ainda que em diferentes graus, sobre o psiquismo do sujeito normal e do neurótico. Este se revela também nos lapsos, trocadilhos e figuras de linguagem comum. Freud entre 1898 e 1905 se dedica basicamente a compreender o funcionamento do aparelho psíquico sendo que, em 1905⁽¹⁾, ele publica seus "Three Essays on The Theory of Sexuality", onde ele compila seus achados sobre a sexualidade a partir do ponto de vista psicanalítico. Neste artigo (do qual falaremos em maiores detalhes depois) Freud fala da pulsão sexual pela primeira vez, marcando uma diferença em relação a concepção popular e médica da época acerca da sexualidade. Esta deixava de ser algo ligado apenas a função dos órgãos sexuais genitais e passava a fazer referência à primeira infância e aos esboços dos conceitos de fantasia e do Édipo. Esta obra conclui o primeiro período

(1) Nesta época Freud apresenta seu primeiro modelo pulsional que faz referência ao dualismo entre pulsões sexuais e pulsões de auto conservação. Aparece também seu esboço de um modelo de defesa no qual o Ego exerce a repressão contra o conteúdo das representações de caráter sexual. Em 1920 em "Além do Princípio do Prazer" por necessidades de reformulações dentro da sua teoria ele construirá o seu grande modelo pulsional do dualismo entre pulsões de vida e de morte.

de produção freudiana começado com a "Interpretação dos Sonhos."

Passemos em revista agora o caminho traçado por Freud até a sua sistematização final do complexo de Édipo. Nos seus casos clínicos "Dora" (1905) e "Little Hans" Freud utilizou o Édipo para compreender a natureza dos sintomas sempre ligados a desejos incestuosos inconscientes, sem ainda enunciá-lo de maneira formal, como o complexo nuclear das neuroses dentro de sua teoria⁽¹⁾. No ano de 1909 quando ele escreve sobre o "Homem dos Ratos" podemos perceber o complexo de Édipo ganhando nova dimensão no trabalho vivo de Freud através da transferência.

A partir do "Homem dos Ratos" o complexo de Édipo se torna a pedra fundamental da teoria de Freud acerca das neuroses. A sexualidade infantil será revisitada a partir do complexo de Édipo o que se percebe nas várias revisões e adições ao artigo de 1905 "Three Essays on the theory of sexuality". O Édipo passa então a ocupar o lugar de complexo nuclear do sujeito, (deixando de ser uma mera descrição de atitudes amorosas e hostis em relação aos progenitores) e é finalmente universalizado em 1913 no artigo "Totem e Tabu". Os trabalhos de 1917 "Taboo of Virginity" e 1919 "A child is being beaten" adicionam a compreensão do

(1) Entre 1905 e 1912 Freud também está preocupado em fazer observações acerca das fantasias sexuais, suas estruturas e sua correspondência com a constelação familiar. É assim que, em 1908, Freud escreve "On the Sexual theories of Children", em 1909 escreve "Family Romances", em 1910 - "A special type of choice of object made by men" e, finalmente, em 1912 - "On the universal tendency to debasement in the sphere of love".

material ligado ao complexo parental. Mas nos parece que, antes da sistematização final de 1923 a 1933, o trabalho de Freud em que o Complexo de Édipo se mostra mais rico em todas suas nuances é "From the History of an infantile neurosis" (1918), popularmente conhecido como o caso do "Homem dos Lobos". Não iremos descrever aqui o historial clínico do "Homem dos Lobos" mas chamar a atenção para os temas nele tratados, que serão retomados mais tarde por Freud em suas elaborações acerca das vicissitudes do "Édipo Feminino", tratado até então como homólogo ao masculino. Nele, Freud enuncia a possibilidade de um Édipo invertido, transitório, expresso pela posição passiva (feminina) do menino frente ao pai, numa identificação com a mãe. O "Homem dos Lobos", quando criança, teria desejado assistir ao coito parental, tomando o lugar da mãe na cena primária. Isto o levou a reconhecer a castração como condição necessária para obter a satisfação sexual desejada com o pai no coito⁽¹⁾.

O "Homem dos Lobos" teria então entrado em conflito entre uma posição ativa e uma posição passiva frente a seu pai, sendo que a última traria com ela a exigência da castração.

Na revivificação da cena primária no sonho ele descobre a vagina e o significado de masculino e feminino:

(1) Primeiramente ele teria reconhecido a existência da ("ferida") vagina na mãe, o que o levou a temer a castração, posteriormente reprimindo este conhecimento, regredindo em favor da teoria cloacal do coito, que adota o reto ao invés da vagina como local de incorporação do pênis. O interessante neste ponto é que, no caso do menino, Freud avança a possibilidade de um conhecimento adquirido na mais tenra infância acerca da existência da vagina e que é posteriormente reprimido; o que se contrapõe a sua concepção de que, no caso da menina, este conhecimento só se dará anos mais tarde, na puberdade.

"He understood now that active was the same as masculine, while passive was the same as feminine".

Neste caso Freud demonstra que foi o investimento narcísico no pênis, que fez o Homem dos Lobos entrar em conflito com sua posição feminina expressa em seu amor homossexual pelo pai, ou seja, no seu desejo de ocupar o lugar da mãe no coito, sendo então copulado pelo pai e dando a este um bebê, como sua mãe havia feito antes. Estes mesmos desejos (que no caso do Homem dos Lobos revelavam um Édipo invertido), serão tratados mais tarde por Freud como os desejos típicos do Édipo positivo na menina (o desejo de ser copulado é o desejo na menina de obter o pênis do pai para fazer através dele um bebê). Ainda no caso do Homem dos Lobos, Freud tece várias considerações acerca do erotismo anal e das relações simbólicas entre fezes (presente) e bebê, que serão desenvolvidas por nós no capítulo que se segue.

Ressaltamos que, neste artigo, Freud trabalha sobre a formulação dos conceitos de feminino e masculino, fazendo estas referências aos fins sexuais passivos ou ativos não na sua dimensão biológica e anatômica, mas no sentido de duas posições distintas que o sujeito pode ocupar frente a um outro⁽¹⁾.

(1) No "Outline of Psychoanalysis" de 1938 Freud comenta acerca do assunto: "...a still higher degree of interest must attach to the influence of a situation which every child is destined to pass through and which follows inevitably from the factor of the prolonged period during which a child is cared for by other people and lives with his parents. I am thinking of the Oedipus complex"... "At this point we must give separate accounts of the development of boys and girls (males or females) for it is now that the difference between the sexes finds psychological expression for the first time". "We are faced here by the great enigma of the biological fact of the duality of the sexes". "...In mental life we only find reflections of this great antithesis; and their interpretation is made

Ficam portanto esclarecidas, no caso do Homem dos Lobos, todas as dimensões possíveis do Complexo de Édipo quanto ao seu papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo do sujeito. O complexo de Édipo tem como resultante final a identificação do sujeito e a assunção de seu próprio sexo. Os temas colocados em cena a partir do texto do Homem dos Lobos (tendências sexuais passivas e ativas, a castração, o masoquismo, o erotismo anal, a homossexualidade e as identificações) serão retomados por Freud na sua sistematização final acerca deste "complexo", nos artigos que vão de 1923 a 1933, nos quais o Édipo é formalizado num dos seus matizes mais obscuros, que é a sexualidade feminina. Antes porém nos reportaremos ao texto de 1905, onde, apesar do Édipo ainda não aparecer no seu lugar de modelo de constituição do sujeito, este começa a se delinear a partir de sua natureza sexual, expressa através da evolução libidinal do sujeito.

Os - "Three Essays on the Theory of Sexuality" - foi primeiramente publicado em 1905 e posteriormente modificado nas edições de 1910, 1915, 1920, 1922 e 1924. Na sua primeira edição este artigo traz poucas contribuições ao tema das diferenças sexuais, sendo que estas foram sendo introduzidas posteriormente

more difficult by the fact, long suspected, that no individual is limited to the modes of reaction of a single sex but always find some room for those of the opposite one" ... "For distinguishing between male and female in mental life we make use of what is obviously an inadequate*empirical and conventional equation: we call everything that is strong and active male, and everything that is weak and passive female. This fact of psychological bisexuality, too, embarrasses all our enquiries into the subject and makes them harder to describe".

* Sublinhado por nós.

nas notas de rodapé e adições ao próprio texto⁽¹⁾.

Este artigo é o resultado das observações anteriores de Freud acerca da sexualidade e onde ele tenta sistematizá-las. Nele a sexualidade infantil ganha o papel de determinante da sexualidade futura do sujeito e a libido é enunciada como a energia da pulsão sexual. Pela primeira vez Freud elabora a noção de pulsão sexual, diferenciando-a do "instinto", que responde apenas a uma necessidade biológica. A pulsão sexual é provisoriamente definida por Freud como: "the psychical representative of an endosomatic, continuously flowing source of stimulation"... e como: "The concept... lying in the frontier between the mental and the physical". A pulsão sexual é portanto um conceito aplicável apenas à sexualidade humana na medida em que nele está implicado o psíquico, ou seja, a característica ideacional que damos o nome de representante psíquico da pulsão. Numa nota adicionada em 1915 Freud esclarece que a pulsão não teria objeto dado a priori, sendo que este seria o resultado de um processo que culminaria na puberdade, quando a pessoa se definiria quanto à sua preferência sexual.

Este resultado final se daria por "a number of factors, not all of which are yet known, some are of a constitutional nature but others are accidental"... "We are thus warned to loosen the bond that exists in our thoughts between instinct and object"⁽²⁾.

(1) A fase fálica com a qual se relaciona o complexo de Édipo não é mencionada formalmente neste texto.

(2) Se entende aí por objeto a pessoa para a qual a pulsão sexual se dirige afim de obter a gratificação sexual. Na parte III do artigo que trata da Teoria da Libido, Freud irá colocar a idéia de uma quantidade de libido que teria uma representação mental, ao qual ele denomina de "libido do ego", cuja produção, distribuição e deslocamento nos possibilitaria expli-

Podemos entender portanto que a identidade masculina ou feminina não é dada de início ao sujeito, mas que esta seria o ponto de chegada ou o término do desenvolvimento sexual do indivíduo.

Na segunda parte do artigo Freud irá tratar da sexualidade infantil. Nesta, ele refuta a idéia até então vigente, de que, durante os anos da infância, não haveria sexualidade, sendo que esta só brotaria na puberdade. Freud atribui este estado de coisas à amnesia infantil resultante das repressões, já que para ele a infância seria o período "at which the capacity for receiving and reproducing impressions is greater". Não existem dúvidas de que a libido já está presente no bebê e que esta se desenvolve em etapas que vão do auto-erotismo (ex.: chupar os dedos) e passa pelas fases oral (cujo modelo é a relação do bebê com o seio); a etapa anal⁽¹⁾ (em que há uma relação narcisista da criança com suas próprias fezes e com o objeto através destas) e a

car os fenômenos psico-sexuais observados. Na medida pois que a pulsão sexual se situa na fronteira entre o somático e o psíquico, a libido designa seu aspecto psíquico, como a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica. A libido é a energia portanto, do desejo sexual, que busca satisfação nos objetos. Quando esta "libido do ego" é usada para investir os objetos sexuais ela recebe o nome de "libido objetal". A "libido do ego", já é aqui descrita como libido narcísica, em contraste com a libido objetal. A libido narcísica ou do Ego é o grande reservatório de onde são enviados os investimentos objetais e para onde eles novamente retornam. A libido do ego ou narcísica só pode ser estudada na medida em que investe o objeto (se tornando libido objetal), objeto no qual ela pode se fixar, e do qual ela pode se desprender, se deslocar a um outro objeto, sempre com a finalidade de obter a satisfação sexual.

- (1) A etapa sádico anal da libido é, segundo Freud, de especial importância para a sexualidade humana, na medida em que "Here the opposition between two currents, which runs through all sexual life, is already developed: They cannot yet be described as "masculine" and "feminine", but only as "active" and "passive". The activity is put into operation by the instinct

etapa genital que se segue ao período de latência⁽¹⁾. Cada etapa da libido envolve portanto "padrões", pelos quais a criança lida com seus primeiros objetos e por onde ela tem seu corpo erogenizado. A criança erogeniza as partes de seu corpo que cumprem uma função biológica, sendo que a sexualidade nasce apoiada nas bordas exteriores do corpo que cumpriram esta função e só mais tarde se desprendem desta.

Foi a partir da análise de adultos que Freud pode chegar a formulação das etapas de desenvolvimento da libido, relacionando-as com a formação das diversas teorias sexuais infantis baseadas nestas. (Ex.: a teoria oral da gravidez, e a teoria cloacal do coito e do parto).

"We can say in general of the sexual theories of children that they are reflections of their own constitution and in spite of their grotesque errors, the theories show more understanding than one would have given their creators credit for"

A libido passa portanto por diversas etapas de organização acompanhadas de um "modo" peculiar de operar com o objeto (e com fantasias ou teorias sexuais correspondentes a elas) até chegar à fase genital e final de seu desenvolvimento, com a assunção

for mastery through the agency of the somatic musculature. The organ which, more than any other, represents the passive aim is the erotogenic mucous membrane of the anus. Both of these currents have objects, which however, are not identical"... "In these phases, therefore, sexual polarity and an extraneous object are already present". A importância do componente sádico-anal será tratada em maiores detalhes no capítulo III deste trabalho.

- (1) Mais tarde, em 1923, Freud acrescentará a fase fálica após a etapa anal. Nesta só haveria o reconhecimento do pênis como órgão sexual (premissa universal do falo).

da masculinidade ou da feminilidade⁽¹⁾. Ou seja, a sexualidade normal se constitui a partir das pulsões parciais presentes em cada etapa da libido, sendo que, se estas não se fundirem na primazia genital, poderão se manifestar numa perversão, que é o resultado no adulto de uma fixação ou regressão a uma destas etapas por onde as pulsões se organizam⁽²⁾.

Entre a fase anal e a organização genital final Freud interpõe o período de latência, onde as pulsões até então desenvolvidas sofrem um processo progressivo de supressão. Como resultado desta supressão a libido se desvia de seus usos sexuais, sendo utilizada para outros fins. A formação reativa juntamente com a sublimação fazem surgir os sentimentos de pudor, repugnância e moralidade, que ajudam a construir o que Freud chama de indivíduo normal e civilizado⁽³⁾.

No período que precede a latência a atividade auto-erótica das zonas erógenas é a mesma em ambos os sexos e, por isso, a

(1) Em 1924 Freud adiciona uma nota, na qual ele afirma que a sexualidade humana contém um elemento de agressividade. Alguma dose de sadismo e masoquismo erótico é normal na sexualidade.

"Sadism and masochism occupy a special position among the perversions, since the contrast between activity and passivity which lies behind them is among the universal characteristics of sexual life". A presença simultânea deste par de opostos na vida sexual nos importa na medida em que estes se conectarão com as posições masculinas e femininas das quais trataremos mais adiante, na parte III deste trabalho.

(2) "The sexual instinct itself must be something put together from various factors, and that in perversions it falls apart, as it were, into its components" (defusão instintual)...

... "The sexual instinct in adults arises from a combination of a number of impulses of childhood in an unity, an impulsion with a single aim"... - "Under the primacy of a single erotogenic zone, form a firm organization directed towards a sexual aim attached to some extraneous sexual object".

(3) Em 1915 Freud faz um adendo dizendo que, em geral, é possível distinguir os conceitos de sublimação de formação reativa, como dois processos diferentes.

diferenciação sexual só se expressa na puberdade. A zona eróge na, objeto da masturbação nas meninas é o clitóris, homólogo a glândula do pênis nos meninos. Freud descreve a atividade libidinal masturbatória da menina como "masculina" já que, por falta de outros termos, diz ele, a pulsão é masculina no sentido de que ela é sempre ativa, mesmo quando tem em vista uma finalidade passiva. Quanto a diferença entre os dois sexos, na infância isto não traz maiores dúvidas pois os meninos imaginam que todos possuem um pênis como eles próprios. Isto passa a se constituir num problema quando estes percebem que as meninas não tem pênis, fato que eles relutam em admitir. Quando finalmente se rendem às evidências da ausência do pênis nas meninas, são tomados por um sentimento de menosprezo em relação a elas ⁽¹⁾.

Quanto às meninas, ao se darem conta de sua falta de pênis, elas são tomadas de sentimentos de inveja peniana que terão consequências no seu desenvolvimento futuro em direção a feminilidade. Segundo Freud, a escolha de objeto sexual se daria em duas fases, sendo a primeira na infância e a segunda na puberdade. Os resultados da primeira escolha objetal retornariam na puberdade (após o período de latência) de maneira atenuada e se apresentando agora como uma atitude afetiva. Freud ainda não coloca a entrada no período de latência referida à castração e à evolução do complexo de Édipo. A castração que determinará as modalidades de resolução do Édipo nos dois sexos, ou seja, com a escolha ou não de

(1) A relutância em admitir a ausência de pênis na mulher e seus efeitos patogênicos será retomada e elaborada mais a fundo no seu trabalho sobre o fetichismo de 1927.

um objeto exogâmico. No entanto ele deixa claro que, por trás desta corrente afetiva da puberdade, se esconderiam os antigos desejos infantis ligados as pulsões parciais.

"The object choice of the pubertal period is obliged to dispense with the objects of childhood and to start afresh as a "sensual current". Should these two currents fail to converge, the result is often that"... "the focusing of all desires upon a single object will be unattainable"(1)

É na puberdade que se dá o amadurecimento final dos genitais externos e internos (dando assim a possibilidade de consumir o ato sexual) e nela se dá também a diferenciação final entre as características masculinas e femininas. A puberdade incrementará enormemente a libido dos meninos enquanto que, nas meninas, esta sofre nova repressão, que recairá principalmente sobre a atividade clitoridiana. Na menina as inibições sexuais manifestas no pudor, vergonha e piedade se desenvolvem antes que nos meninos, que resistem mais às tendências repressivas. Nas meninas, diz Freud: "The tendency to sexual repression seems in general to be greater; and when the component instincts of sexuality appear, they prefer the passive form".

Freud chama a atenção para a relação entre a supressão sexual nas meninas e a maior dependência afetiva destas dos pais, principalmente da autoridade paterna, ficando estas eternamente

(1) Nos seus artigos de 1910 e 1912 sobre a Psicologia do Amor Freud demonstrara que a atitude amorosa do homem fica prejudicada quando a corrente afetiva e a corrente sensual não convergem num mesmo objeto, como resultado de uma intensa fixação amorosa no primeiro objeto, a mãe.

ligadas a eles. Esta dependência que traz, segundo Freud, grande alegria aos pais⁽¹⁾, faz com que elas permaneçam infantis no seu amor e frígidas no seu posterior casamento. As mulheres passariam portanto por uma renovada supressão sexual na puberdade (fase anestésica diz Freud) até quando, finalmente, lhes é permitido se relacionarem sexualmente. Nesse momento o clitóris deverá poder transmitir sua excitabilidade para a vagina e zonas adjacentes, indicando que a mulher finalmente adotou sua posição feminina. O homem mantém inalterado em todo seu percurso, sua zona erógena principal, o pênis. Para Freud haveriam dois fatores determinantes na tendência feminina às neuroses e, especialmente, à histeria: o fato da mulher ter que suprimir sua sexualidade na puberdade e a exigência da troca de zona erógena do clitóris para a vagina. Estes dois fatores também são determinantes para a assunção de sua posição feminina.

Para resumir e contextualizar este artigo de 1905 dentro do desenvolvimento teórico de Freud, cabe apontar para os seguintes pontos: nele Freud ainda não marca muito claramente a influência do Édipo, do Superego e da castração na determinação sexual do sujeito, apenas se referindo a barreira do incesto. Tampouco denomina e desenvolve a fase que chamará posteriormente de fálica no seu artigo "A Organização Genital Infantil da Libido" de 1923. Nos "Três Ensaios", Freud nos fala de um desenvolvimento

(1) A ligação de dependência se dá principalmente no caso das meninas: "They are mostly girls who to the delight of their parents, have persisted in all their childish love, far beyond puberty".

homólogo no menino e na menina até a descoberta da ausência de pênis na mulher. O complexo de castração é enunciado. Este desperta nas meninas a inveja do pênis e, no menino, uma atitude de desprezo em relação as mulheres. Freud faz referência a importância da primeira infância na escolha de objeto final e fala do prolongamento do vínculo filial na mulher. Até a puberdade não há diferença real entre os dois sexos. A vagina só é descoberta na puberdade; e é um dos fatores que contribui para o desenvolvimento dos traços finais expressos nas diferenças entre o feminino e o masculino.

Concluindo, neste texto dos "Três Ensaios sobre uma Teoria Sexual" Freud tenta o seu primeiro desenvolvimento sistemático, do ponto de vista psicanalítico, do que ele mesmo denominou "Teoria Sexual".

- O artigo de 1923 "The Infantile Genital Organization", ("An Interpolation into the Theory of Sexuality") é essencialmente, como seu sub-título mesmo indica, uma complementação ao artigo de 1905 que acabamos de discutir. Após dezoito anos de trabalho Freud resolve retomar os temas ali discutidos fazendo diversas ressalvas. Para ele não satisfaz mais a idéia de que, no primeiro período da infância, a primazia dos genitais teria se realizado apenas muito rudimentarmente. Para ele existe uma diferença entre a organização da sexualidade infantil e a da sexualidade adulta, que não se circunscreve apenas à escolha de um objeto sexual e à direção da pulsão para este. Para Freud "The main characteristic of this "infantile genital organization" is its difference from the final genital organization of the adult. This consists in the

fact that, for both sexes, only one genital, namely the male one, comes in to account. What is present, therefore, is not a primacy of the genitals, but a primacy of the phallus". A diferença fundamental reside portanto no fato de que a organização adulta é genital, enquanto que a organização infantil é fálica. Nesta só o pênis é reconhecido como órgão genital, sendo que "the corresponding process in the little girl are not known to us". Todo interesse do menino se volta para seu pênis, havendo preocupações quanto à sua proporção, expressas no desejo de compará-lo com o dos outros e despertando sua curiosidade sexual⁽¹⁾. No curso destas investigações o menino então descobre que nem todos tem pênis. Eles⁽²⁾ recusam ("leugnen"/"verleugnen" em alemão) o fato, tentando dissimulá-lo através de idéias como as de, não terem olhado direito, de que o pênis ainda está pequeno e irá crescer depois, etc... Finalmente eles chegam a conclusão de que o pênis teria estado ali antes e teria sido castrado depois. O significado do complexo de castração para Freud só pode ser adequadamente entendido em relação a premissa universal do pênis própria da fase fálica. No entanto, o menino de início não generaliza a ausência de pênis para todas as mulheres. Ele acredita que apenas as culpadas (que teriam tido desejos inadmissíveis como os dele), é que teriam sido punidas com a castração. Ou seja, as mulheres

(1) O ponto de partida da pulsão epistemológica (a necessidade de saber) tem sua origem portanto na curiosidade da criança frente a sexualidade.

(2) A palavra alemã "verleugnen" tem o sentido de renegar, denegar, ou recusar a percepção traumática de um fato que se impõe no mundo exterior; essencialmente a ausência de pênis na mulher. Este mecanismo é posteriormente utilizado por Freud para explicar o fetichismo e a psicose.

respeitáveis, como sua mãe, continuariam tendo um pênis. Isto o
 leva a temer que o mesmo lhe suceda. Somente mais tarde, diz
 Freud,

"when the child takes up the problems of the origin and birth of babies, and when he guesses that only women can give birth to them - it is only then that the mother, too, loses her penis. And, along with this, quite complicated theories are built up to explain the exchange of the penis for a baby".

Na fase fálica haveria portanto a antítese entre fálico e castrado como na fase precedente sádico-anal a antítese era entre ativo e passivo. Os conceitos de Feminino e Masculino só aparecem na puberdade, quando a vagina é descoberta. Masculinidade combinará os fatores de sujeito, atividade e posse do pênis; enquanto que feminilidade combinaria os fatores de "objeto" e passividade. A vagina é agora valorizada "as a place of shelter for the penis; it enters into the heritage of the womb".

Para dar maior ênfase aos distintos percursos tomados pelo menino e pela menina no seu desenvolvimento sexual Freud escreve em 1924, "The dissolution of the Oedipus Complex" onde ele estuda as diferentes modalidades de resolução do Édipo em ambos os sexos (1).

Este artigo é de extrema importância na medida em que, pela primeira vez, Freud junta de maneira indissolúvel a castração com o complexo de Édipo. Ele tenta responder a questão de

(1) Nesta altura Freud já havia escrito o artigo "The Ego and the Id" onde ele elabora as relações tópicas entre as diferentes instâncias e com o Édipo especialmente na parte 3.

porquê o complexo de Édipo sucumbe à repressão, "se dissolvendo" por assim dizer. Todos sabemos que a resolução do Édipo dá início a fase de latência no menino, mas qual seria o motivo de sua "resolução"?

A resposta que Freud busca será, no caso do menino, encontrada na ameaça de castração. No caso da menina, o complexo de castração e sua concomitante inveja do pênis fazem com que ela abandone a mãe como objeto de amor e dê entrada no Édipo positivo.

Nos deteremos apenas brevemente no caso do menino, para nos estendermos mais no tocante às meninas, que é o que nos interessa neste trabalho. No caso do menino, o que prevalece para que ele se dê conta dos perigos quanto aos seus desejos incestuosos em relação a mãe é a visão da genitalia feminina desprovida de pênis. Ou seja, é a ameaça de castração que promove nele a destruição de sua organização fálica infantil. A partir do momento em que o menino acredita na possibilidade de perder seu pênis; o interesse narcísico neste faz com que ele abandone seu investimento libidinal na mãe.

Quanto a este movimento, também desenvolvido na parte III do Ego e o Id (1923) Freud diz:

"The object-cathexes are given up and replaced by identifications. The authority of the father or the parents is introjected into the ego, and there it forms the nucleus of the super-ego, which takes over the severity of the father and perpetuates his prohibition against incest, and so secures the ego from the return of the libidinal object-cathexis. The libidinal trends belonging to the Oedipus complex

are in part desexualized and sublimated"...
 ... "and in part inhibited in their aim and
 changed into impulses of affection".

O complexo de Édipo no menino é pois destruído como resultado do interesse narcísico na preservação do pênis, ou seja, pela ameaça de castração.

Neste ponto Freud se pergunta como este processo se daria nas meninas, dizendo no entanto que "at this point our material - for some incomprehensible reason - becomes far more obscure and full of gaps". Também se poderia atribuir a menina, uma fase fálica, um complexo de castração, um complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Mas isto se daria de maneira distinta do menino.

Na fase fálica da menina ela masturba seu clitóris mas, quando percebe a "inferioridade" deste em comparação ao pênis do menino, ela se sente prejudicada e diminuída passando então a invejar o pênis (que ela imagina ter tido um dia e perdido depois). A inveja é função da concepção "fálica" da menina de que os outros possuem "large and complete - that is to say - male genitals". Freud aponta para a grande diferença entre os sexos em relação ao complexo de castração:

- A menina não tem um pênis a perder e aceita a castração como um "fait accompli". Como a ameaça de castração não se apresenta na menina da mesma maneira que no menino, ela não tem o poderoso motivo narcísico de preservação do pênis para o estabelecimento do Superego e para o abandono total da sexualidade genital infantil. Freud então irá afirmar que, na menina, estas mudanças parecem resultar da educação e da intimidação exterior que

a ameaçam com a perda do amor (1). A ameaça de castração na menina é portanto a ameaça de perda de amor. No entanto a renúncia ao pênis é dolorosa e a menina tenta então compensá-la deslizando pelos termos da equação simbólica, do pênis para o bebê. Seu Complexo de Édipo culmina num desejo duradouro de ter um filho do pai, em substituição ao pênis. O Édipo da menina parece ser abandonado gradativamente porque o desejo primário por um pênis e depois por um bebê do pai nunca é satisfeito. Freud conclui então:

"The two wishes - to possess a penis and a child - remain strongly cathected in the unconscious and help to prepare the female creature for her later sexual role. The comparative lesser strenght of the sadistic (2) contribution to her sexual instinct, which we may no doubt connect with the stunted growth of her penis, makes it easier in her case for the direct sexual trends to be transformed into aim - inhibited trends of an affectionate kind. It must be admitted, however, that in general our insight into these developmental processes in girls is unsatisfactory, incomplete and vague".

Freud irá discutir este tópico de maneira mais extensa nos artigos que se seguem. Notemos que neste artigo que acabamos de descrever Freud ainda não esclarece totalmente os motivos que

(1) O amor teria portanto um maior valor narcísico para a menina. A submissão desta ao superego seria devido ao desejo de ser amada para ser objeto de uma peculiar valoração narcisista. O superego da menina parece pois ser mais "externo" que o do menino ou menos impessoal; ou seja, mais dependente do superego do homem de quem ela deseja receber amor. Veremos isto melhor no capítulo III.

(2) A contribuição do componente sádico-anal na sexualidade feminina será discutida no capítulo III deste trabalho.

levam a menina a abandonar seu investimento libidinal na mãe.

No artigo de 1925, "Some Psychical Consequences of the Anatomical Distinction between the sexes" Freud irá elucidar um pouco melhor o desenvolvimento do Édipo na menina como distinto do menino, dando maior ênfase a primeira fase de apego original ao primeiro objeto de amor (a mãe), tema este que será ainda mais desenvolvido em 1931 no seu artigo "Female Sexuality".

A primeira afirmação de Freud importante neste artigo é a de que, pelo fato dele ter durante muitos anos estudado a vida sexual e fantasmática dos meninos, ele chegou a supor que nas meninas as coisas se dariam de forma semelhante. Mas isto se provou falso. Nos meninos a situação Edípica se revelou mais compreensível pelo fato deles reterem o mesmo objeto sexual, a mãe, não apenas enquanto eles são amamentados, mas também nas fases posteriores de seu desenvolvimento, permanecendo o pai sempre como um rival inoportuno. No entanto Freud chama a atenção para o fato de que, mesmo no menino, o complexo de Édipo pode ter uma dupla orientação, ativa ou passiva, de acordo com sua constituição bisexual⁽¹⁾.

Freud diz que ambas as atitudes passivas ou ativas frente ao objeto, podem se remontar à identificação com um dos progenitores na cena primária, entreouvida pela criança. A fase pré-edípica no menino levanta estas questões acerca dos desejos envolvidos na masturbação, da influência da cena primária e das suas correlações com a existência de proto-fantasias.

(1) No caso do Homem dos Lobos ao qual já nos referimos, havia nele o desejo de ocupar o lugar da mãe para obter o amor de seu pai, o que Freud descreveu como uma atitude feminina.

Já no caso da menina, temos uma questão a mais a ser elucidada. Na menina o primeiro objeto de amor também é a mãe e devemos saber porque ela abandona a mãe, tomando o pai como objeto de amor. Já sabemos que a menina deseja ter um filho de seu pai, mas verificamos que a tal desejo precede uma longa pré-história sendo o Édipo aqui, em alguns aspectos, uma formação secundária (1).

Para as meninas a descoberta do pênis na fase fálica gera sua inveja imediata, fazendo com que ela se sinta inferior e incompleta. No desejo por um pênis estaria a origem do que Freud denominou de "Complexo de Masculinidade". A esperança de obter um pênis algum dia, ou a atitude oposta de recusa em se ver castrada, pode persistir longamente, prejudicando seu desenvolvimento em direção à feminilidade. As conseqüências psíquicas da inveja do pênis, desde que não se traduzam na formação reativa expressa pelo complexo de masculinidade, podem ser várias: a primeira se dá quando a mulher se apercebe da ausência de pênis (2), ficando ferida no seu narcisismo e desenvolvendo um sentimento de inferioridade. A inveja do pênis pode também, num segundo caso, persistir de maneira deslocada, num traço de caráter que é o ciúme tão típico das mulheres, segundo Freud (3).

(1) Freud faz então algumas especulações acerca da perda do seio e da descoberta prazerosa (talvez de caráter substitutivo) do pênis e do clitóris.

(2) No caso dos meninos, a visão da genitália feminina sem pênis só provoca angústia mais tarde (a posteriori) quando ele relaciona o fato com as anteriores ameaças de castração que lhe foram feitas. Isto o leva a ter duas reações possíveis (que poderão determinar sua futura relação com a mulher): Ele pode sentir horror frente a mulher vista como mutilada, ou sentir um triunfo frente a ela junto com um sentimento de desprezo.

(3) O ciúme será visto por Freud como o motor da fantasia de espancamento na sua primeira fase descrita no seu artigo "A Child is being beaten" de 1919.

A terceira consequência da inveja do pênis parece ser, ao mesmo tempo, um afastamento e um "afrouxamento" gradativo da relação da menina com a mãe, como objeto de seu amor. A mãe é responsabilizada então por não ter lhe dado o pênis desejado e frequentemente surgem ciúmes e ressentimentos ligados a fantasia de que sua mãe dá mais amor ao seu irmão portador de um pênis. A menina cessa também de se masturbar, não apenas pela repressão vinda do exterior, mas pelo sentimento narcísico de humilhação ligado a inveja do pênis, de não poder competir com os meninos dada a inferioridade de seu clitóris. Dessa forma, o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos (na fase fálica) faz com que a menina abandone a masturbação (tida por Freud como uma atividade viril) conduzindo-a ao desenvolvimento da feminilidade. Até aqui não havíamos visto traços do complexo de Édipo, mas agora a menina renuncia ao pênis, sendo que sua libido "slips into a new position along the line... of the equation 'penis-child'" e, com esse novo propósito, se volta para o pai, passando a rivalizar com a mãe. "The girl has turned into a little woman" diz Freud. Esta nova situação pode dar lugar a sensações físicas que devem ser consideradas como um despertar precoce do aparelho genital feminino. Se a menina for muito decepcionada pelo pai, ela poderá abandoná-lo, se identificando com ele e retomando a antiga posição homossexual⁽¹⁾.

As conclusões a que Freud chega neste texto são as seguintes: Nas meninas. o Complexo de Édipo é uma "formação secundária". O complexo de castração o precede e lhe dá lugar. O

(1) (Ver o artigo "A psicogênese de um caso de homossexualidade numa Mulher", onde Freud trata do afastamento do pai de uma jovem de 16 anos, resultante da decepção sofrida com ele quando este deu a mãe (sua rival) um novo filho.)

complexo de Édipo dos meninos é primário, sendo que o complexo de castração (1) é que posteriormente o faz sucumbir.

O Complexo de Édipo é tão fundamental diz Freud, que "the manner in which one enters and leaves it cannot be without effects".

Nos casos normais o complexo de Édipo sucumbe, não existindo mais mesmo no inconsciente, tendo o superego se tornado seu herdeiro.

Já nas meninas não existe o motivo para a demolição do complexo de Édipo, pois a castração já teve seu efeito, de fazê-la entrar no Édipo, cumprido. Por isso, o complexo de Édipo desaparece muito lentamente (ou é reprimido) geralmente persistindo ao longo da vida mental normal das mulheres. Assim sendo o superego feminino, diz Freud, "is never so inexorable, so impersonal, so independent of its emotional origins as we require it to be in men"... Freud conclui dizendo que: "All human individuals, as a result of their bisexual disposition and of cross inheritance, combine in themselves both masculine and feminine characteristics, so that purely masculinity and femininity remain theoretical constructions of uncertain content".

O próximo artigo de Freud "Female Sexuality" (1931) escrito seis anos mais tarde, irá retomar algumas das considerações feitas por ele no texto anterior, principalmente aquelas sobre a intensidade e a duração da ligação da menina com a mãe na fase pré-Edípica.

(1) Veremos no capítulo III como o complexo de castração, que é a expressão de uma ferida narcísica, terá um valor fundamental para compreendermos determinadas manifestações femininas.

Este artigo enriquecerá a discussão sobre a sexualidade feminina na medida em que discute o papel dos elementos ativos na atitude da menina com a mãe e na posterior assunção da feminilidade. Para não nos tornarmos repetitivos enfatizaremos as questões menos trabalhadas nos artigos anteriores a este. Este texto tenta responder basicamente a duas questões: 1) Como se dá a troca de objeto sexual na menina?; e 2) Como se dá a troca de zona erógena na mulher, do clitóris para a vagina?

No início do artigo Freud volta a afirmar que o Complexo de Édipo na menina difere do do menino. Na medida em que nesta, também, seu primeiro objeto de amor é a mãe, a menina deverá não somente mudar de objeto como também de zona erógena. Para Freud, ainda não está claro como essas duas exigências se conectariam uma com a outra.

Freud diz ter observado vários fatos na sua clínica. O primeiro lhe revelou que, quando a ligação da mulher com o seu pai era particularmente intensa, esta resultava de uma relação anterior de amor exclusivo intenso e apaixonado pela mãe. A não ser pela "troca de objeto", esta segunda fase de ligação amorosa com o pai não teria adicionado quase nada de novo à sua vida erótica. A segunda observação de Freud é concernente ao fato de que a duração deste apego da menina com a mãe teria sido grandemente subestimada. Em um grande número de casos, este apego persistiria além da idade de quatro ou cinco anos, ou seja, prolongando-se mais do que nos meninos.

Na realidade diz Freud, devemos nos conscientizar de que muitas mulheres permanecem ligadas libidinalmente a mãe, sendo que verdadeiramente nunca efetuam uma mudança de objeto. Assim

sendo, a fase Pré-Edípica na mulher ganha uma importância nunca antes reconhecida, já que nela podemos ver as origens de várias neuroses futuras, como a histeria, resultantes de fixações e repressões ocorridas nesta etapa inicial. (Nela encontramos também as sementes da paranóia na mulher.) A menina por conseguinte, só consegue alcançar o Édipo Positivo depois de ter superado este período anterior de apego a mãe, que é regido pelo Complexo de Édipo negativo. Freud afirma que a descoberta da importância da fase pré-edípica na mulher o surpreendeu bastante, tendo sido descrito desta forma por ele:

"Our insight into this early, pre-Oedipus, phase in girls comes to us as a surprise, like the discovery, in another field, of the Minoan-Mycenean civilization behind the civilization of Greece".
 "Everything in the sphere of this first attachment to the mother seemed to me so difficult to grasp in analysis - so grey with age and shadowy and almost impossible to revivify - that it was as if it had succumbed to an especially inexorable repression".

Freud comenta que a razão provável pela qual ele não pode alcançar esta fase pré-edípica na análise com pacientes mulheres foi devida ao fato de que estas se agarravam de todas as maneiras à sua relação com o pai, como para se proteger desta primeira fase de ligação primitiva com a mãe⁽¹⁾.

Na segunda parte do artigo Freud afirma que a bissexualidade é bem mais clara na mulher do que no homem. Freud relaciona isto com o fato da mulher ter duas zonas sexuais: o clitóris

(1) Nos deteremos longamente, no Capítulo III, nas vicissitudes desta primeira relação pré-edípica com a mãe.

(que ele considera um órgão viril) e a vagina, órgão propriamente feminino, mas que parece só ser descoberto na puberdade (apesar de algumas observações em contrário). A sexualidade feminina também difere da masculina neste particular: a menina atravessa uma primeira fase de caráter masculino em que o clitóris é o órgão prevalente e uma segunda fase na qual a vagina deverá prevalecer como órgão sexual. Freud ainda não tem bem claro o papel que o clitóris continua a desempenhar na vida sexual da mulher.

Quando a menina se reconhece como castrada, diz Freud, ela se revolta contra o fato, podendo tomar três caminhos distintos: o primeiro a leva a renunciar totalmente à sexualidade. Devido a insatisfação com seu clitóris ela abandona a atividade fálica e com isso boa parte de sua sexualidade em geral fica prejudicada, assim como sua "masculinidade" (1) em outros campos. O segundo caminho a leva a reivindicar o pênis, permanecendo no "complexo de masculinidade" que, se perdurar, pode resultar numa escolha homossexual de objeto. O terceiro e último caminho é aquele que a leva à feminilidade através de um percurso tortuoso no qual ela toma seu pai como objeto de amor.

Freud chama a atenção para o fato de que muitas mulheres que escolheram seus maridos segundo o modelo de seu próprio pai, repetem com ele, na vida conjugal, a má relação anterior com a mãe. Isto indica uma regressão à fase pré-edípica de relação com a mãe. Ao invés do marido se manter como herdeiro da relação da menina com seu pai, ele se torna herdeiro da sua relação primitiva com a mãe. Neste caso a menina não teria alcançado

(1) Masculinidade aqui faz referência à atividade.

transferir para o pai sua ligação afetiva com a mãe. Freud passa então a relacionar os motivos de afastamento da menina de sua mãe. Estes incluem, em primeiro lugar, o ressentimento por não ter recebido da mãe um pênis e, depois outros fatores, como a falta de capacidade da mãe de proporcionar-lhe amor e alimento suficiente e um grande ressentimento pelo fato da mãe tê-la despertado sexualmente e posteriormente proibí-la de ter livre acesso ao prazer da masturbação.

Freud conclui que a ligação da menina com a mãe é fortemente ambivalente e que é exatamente por isso e por outros fatores coadjuvantes que ela tenta se desprender da mãe. Já no caso dos meninos isto difere, na medida em que eles podem dirigir toda sua hostilidade para o pai ⁽¹⁾.

Na parte III deste artigo Freud irá discutir as metas sexuais pré-edípicas da menina em relação a mãe.

Estes fins sexuais dirigidos a mãe são de natureza tanto ativa quanto passiva, conforme as fases libidinais que a menina atravessa. As primeiras vivências sexuais da menina são de natureza passiva, face a dependência exclusiva da mãe, pois ela necessita ser alimentada, lavada etc... Devemos nos lembrar, diz Freud, que tudo que a criança sofre passivamente tende a produzir uma reação ativa. Isto pode ser observado nas brincadeiras infantis, onde a criança tende a fazer ativamente o que ela sofreu passivamente (ex.: o brincar com bonecas). Isto ajuda a criança

(1) Em vários textos da obra de Freud, que veremos no terceiro capítulo, ele irá afirmar que a relação da mãe com seu filho homem tende a ser a menos ambivalente de todas as relações, o que adiciona um outro colorido à questão da relação do menino com a mãe.

a ter uma sensação de domínio sobre o mundo exterior e como que "anula" a experiência passiva. No brincar com bonecas observamos o lado ativo da feminilidade, diz Freud. No curso de sua relação com a mãe, a menina tem para com ela impulsos orais, sádico-anais e fâlicos. Sobre os impulsos sádicos Freud comenta:

"We find the little girl's aggressive oral and sadistic wishes in a form forced on them by early repression, as a fear of being killed by her mother - a fear which, in turn, justifies her death - wish against her mother, if that becomes conscious. It is impossible to say how often this fear of the mother is supported by an unconscious hostility on the mother's part which is sensed by the girl" (1).*

Em relação aos desejos passivos da menina, na fase fâlica, estes se expressam na acusação feita a mãe de tê-la seduzido. Na realidade a mãe é a primeira sedutora na vida da criança, na medida em que, através dos cuidados corporais, ela produz sensações prazerosas que a criança deseja que sejam repetidas.

Quanto aos desejos ativos da fase fâlica na menina, estes também são dirigidos a mãe e acompanhados por masturbação clitoridiana, que provavelmente envolvem fantasias em relação a mãe. (Por exemplo, quando nasce um novo irmãozinho, a menina deseja acreditar que foi ela que deu a sua mãe um bebê, da mesma forma que os meninos nutrem este mesmo desejo.) O afastamento libidinal da menina da mãe envolve mais que uma mera troca de objeto; este envolve também a troca de fins sexuais ativos por passivos. Não há dúvida que a frustração das tendências ativas contribui para o

(1) Este tópico será retomado no capítulo III.

* Sublinhado por nós.

estabelecimento da prevalência das tendências passivas. No entanto, se as tendências ativas forem demasiadamente frustradas, resultando no abandono total da masturbação clitoridiana, a menina corre o risco de ter sua sexualidade inibida. Freud afirma que "often enough when the small girl represses her previous masculinity, a considerable portion of her sexual trends in general is permanently injured too" (1). A transição para o pai é pois conseguida com a ajuda das tendências passivas, abrindo o caminho para a feminilidade (na medida em que este caminho não seja prejudicado pelos resíduos da relação pré-edípica com a mãe que a menina deverá ter superado). Freud termina esta parte lembrando que, para a psicanálise, só existe uma libido, quer seus fins sexuais para obter satisfação sejam passivos como na mulher, ou ativos como no homem.

Este artigo já define mais claramente o caminho percorrido pela menina para ascender a uma posição feminina. O Édipo feminino envolve portanto uma tríplice permutação:

- 1) a troca de objeto (da mãe para o pai);
- 2) a troca de zona erógena (do clitóris para a vagina) e, finalmente,
- 3) a troca de fins sexuais ativos por passivos.

A elaboração final de Freud acerca da sexualidade feminina é expressa na sua conferência nº 33 sobre a feminilidade "Femininity" das suas "New Introductory Lectures" (2) de 1933.

(1) A repressão das tendências ativas na menina será motivo de discussão no capítulo III.

(2) Em 1938, no seu capítulo VII do seu "An Outline of Psycho-Analysis", Freud retomará o tema do Édipo feminino mas não acrescenta nada de novo ao assunto.

* Sublinhado por nós.

Neste texto Freud retoma todas as suas opiniões anteriores acerca do tema e tenta caracterizar a natureza da feminilidade (1).

Freud volta a tocar no tema da bissexualidade dizendo que um indivíduo não é apenas um homem ou uma mulher, mas é sempre ambos, meramente uma quantidade maior de um do que de outro.

A noção de bissexualidade pode ser utilizada na esfera mental também. Assim, diz Freud, qualificamos de "masculinos" ou "femininos" determinados comportamentos, em relação à anatomia e às convenções sociais. Em relação a anatomia, Freud faz referência a analogia entre o esperma que é ativo, e o óvulo que o aguarda passivamente. Por isso, diz ele, é que associamos masculino com ativo e feminino com passivo. No entanto Freud afirma que fazer coincidir masculino com atividade e feminino com passividade, na esfera da vida sexual humana, pode se mostrar extremamente inadequado. Uma mãe é, por exemplo, extremamente ativa em relação a seus filhos sem por isso ser masculina. Freud opina que poder-se-ia considerar a feminilidade no sentido psicológico, como a preferência por fins passivos. E isto não é o mesmo que passividade (2). Para se atingir um fim passivo pode ser requerida uma enorme quantidade de atividade.

O que nos parece de novo neste artigo são as considerações que Freud tece acerca da supressão da agressividade na mulher. Ele diz o seguinte:

(1) Só trataremos aqui dos temas menos explorados por Freud nos artigos anteriores.

(2) Freud chama a atenção para o fato de que não devemos subestimar a influência da organização social, que pressiona a mulher a se situar numa posição passiva.

"There is one particularly constant relation between femininity and instinctual life which we do not want to overlook. The suppression of women's aggressiveness which is prescribed for them constitutionally and is imposed on them socially favours the development of powerful masochistic impulses, which succeed, as we know, in binding erotically the destructive trends which have been diverted inwards. Thus masochism, as people say, is truly feminine".

O problema com o qual Freud se depara é o de saber co-mo este ser bissexual (a menina) se desenvolve em uma mulher. Freud aborda sua investigação acerca do desenvolvimento sexual da mulher com duas expectativas: a primeira é que a constituição física não se adaptará sem luta ou resistência à sua função; e a segunda é que a alteração decisiva (da sexualidade final) já deverá estar preparada ou completada antes da puberdade. Ambas as expectativas se confirmam, diz Freud⁽¹⁾.

A menina e o menino passam pelas mesmas fases de desenvolvimento da libido sendo que, até na fase sádico-anal, seu comportamento se revela o mesmo. Até a fase fálica não haveria portanto diferenças entre os dois sexos. Na fase fálica o clitóris é a principal zona erógena para a menina (que ainda desconhece a vagina). A masturbação portanto é "fálica" em ambos os sexos.

(1) Segundo Freud a diferença estrutural dos genitais pode importar nas diferenças que emergem também na disposição pulsional da menina. A menina é geralmente menos agressiva, arrogante e mais dependente; parecendo ter uma necessidade maior de demonstrações afetivas em relação a ela. Ela se mostra também mais dócil e complacente, o que poderia justificar o fato de ser mais fácil educá-las no controle de suas fezes e urina. Intelectualmente as meninas se mostram até mais vivas e adiantadas que os meninos da mesma idade.

"With the change to femininity the clitoris should wholly or in part hand over its sensitivity, and at the same time its importance, to the vagina".

Além da mudança de zona erógena lembremos que a menina deverá trocar também de objeto e de fins sexuais. Disto Freud já tratou em alguma extensão no seu artigo anterior. Neste Freud faz a seguinte ressalva importante, reafirmando o que já havia dito nos "Três Ensaios": "Não existe um caráter instintivo de atração pelo sexo oposto". Ou seja a pulsão não tem objeto dado e definido de início. Este objeto será o resultado de um árduo caminho que a pulsão deverá percorrer.

No começo a menina tem na mãe seu objeto libidinal. A fixação pré-edípica da menina à mãe adquire os traços dos estágios pelos quais ela atravessa (orais, anais, fálicos, de desejos passivos e ativos) e que são caracterizados por uma grande ambivalência.

Já vimos no artigo anterior os motivos pelos quais a menina se afasta da mãe. O desprendimento da mãe é acompanhado de sentimentos de ódio, sendo que o motivo primordial deste afastamento é o complexo de castração, que faz referência a ausência de pênis pela qual a mãe é responsabilizada⁽¹⁾.

O complexo de castração nas meninas, expresso na inveja do pênis, se constitui para ela como a grande reviravolta que determinará seu destino sexual. A descoberta da castração leva a

(1) O amor da menina pela mãe era por uma mãe fálica. Com a descoberta da castração na mãe, ela a abandona como objeto, desvalorizando-a, como a si mesma.

menina a abandonar sua atividade masturbatória clitoridiana e, junto com esta, parte da atividade em geral. Isto abre espaço para um incremento dos impulsos sexuais passivos, que a ajudam a voltar-se para o pai com o desejo de receber dele um pênis. Isto é que marca a entrada no Édipo positivo. A situação feminina no entanto só é alcançada quando o desejo pelo pênis é substituído pelo desejo por um bebê. Sua satisfação será maior no futuro se ela conceber um filho homem, que trará consigo o pênis tão longamente almejado.

Segundo Freud, percebemos então que o antigo desejo pela posse de um pênis pode ser ainda vislumbrado a partir da feminilidade já alcançada.

Acreditamos não ser necessário repassarmos todos os pontos levantados por Freud nos artigos anteriores já vistos aqui. O que descrevemos acerca das concepções de Freud sobre o Complexo de Édipo e o Complexo de Édipo feminino em particular deve ter-se tornado ainda mais claro neste último artigo sobre a "Feminilidade". Freud nele acentua o papel fundamental do Complexo de Castração nas três mudanças especificamente femininas (que envolvem a permuta de objeto, zona erógena e fins sexuais), determinantes do destino sexual na mulher.

Freud levou muito tempo para adquirir este conhecimento acerca do processo de desenvolvimento de uma menina em uma mulher. A sexualidade feminina sempre foi para ele um terreno muito obscuro e enigmático. James Strachey nos conta que, desde seus primeiros trabalhos, Freud reclamava da dificuldade que era para ele ter acesso a "complexidade" feminina.

Já nos "Três Ensaio sobre uma Teoria Sexual" Freud diz que:

"The sexual life of men alone has become accessible to research... That of women ... is still veiled in an impenetrable obscurity".

No seu artigo sobre "Lay Analysis" de 1926 Freud escreve

"We Know less about the sexual life of little girls than of boys. But we need not feel ashamed of this distinction; after all the sexual life of adult women is a "dark continent" for psychology"

Durante muitos anos Freud pensou que havia um paralelismo entre o desenvolvimento sexual dos meninos e das meninas. Mais tarde, já em 1923 no artigo sobre a "Organização Genital Infantil" do qual já falamos aqui, Freud passa a declarar suas dúvidas e insatisfações acerca da analogia ou simetria entre o processo sofrido pelos meninos e pelas meninas ao longo de seu desenvolvimento libidinal. Isto já havia se revelado a ele no seu estudo sobre as fantasias de espancamento "A Child is being beaten" de 1919, onde ele declarou não haver uma correspondência exata entre as fantasias das meninas e dos meninos. No entanto, somente em 1924 quando Freud trata da dissolução do Complexo de Édipo é que ele começa a poder marcar mais nitidamente as diferenças entre o Édipo masculino e o feminino. No seu artigo sobre as "Consequências psíquicas da diferença anatômica entre os Sexos" as diferenças são mais claramente explicitadas, principalmente quanto à importância da fase pré-Edípica na menina, sendo posteriormente desenvolvidas em 1931 quando ele escreve sobre a Sexualidade Feminina e, finalmente, formalizadas na sua conferência sobre a Feminilidade de 1933, que acabamos de ver.

O caminho deixado ainda em aberto por Freud acerca da fase pré-edípica na mulher será trabalhado por ele juntamente com Ruth Mack Brunswick num artigo que esta publica em 1940 (após a morte de Freud portanto) chamado: "The Pre Oedipal Phase of the Libido Development". Este artigo foi elaborado com a colaboração de Freud, iniciada em 1930 e inclui várias sugestões e comentários dele acerca do tema. Deixaremos para o próximo capítulo a exposição das idéias principais contidas neste importante artigo.

III - ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA
(COM ESPECIAL REFERÊNCIA AOS ASPECTOS NARCISÍCOS E PULSIONAIS)

"Somos todos homens e mulheres nascidos de uma mulher. Somos antes de mais nada, filhos de nossa mãe. Parece que nos desejos se aliam para anular este fato, de tal forma ele está carregado de conflitos e nos lembra nossa primitiva dependência".

(Smirgel, 1975)

IIIa - A FERIDA NARCISICA E A INVEJA DO PÊNIS

Neste capítulo vamos investigar se algumas das afirmativas de Freud relativas à relação da mãe com seus filhos podem contribuir para uma melhor compreensão de alguns problemas tipicamente femininos, que identificamos na nossa prática clínica diária. Esses problemas se constituem em sentimentos de desvalorização, de dependência, de insuficiência e de inveja, e em dificuldades na área sexual e de realização profissional.

Segundo Freud, a relação da mãe com a menina é mais ambivalente do que com o menino - somente a relação da mãe com seu filho homem seria plenamente satisfatória, podendo-se supor que mesmo a mãe mais afetuosa e maternal é ambivalente em relação a sua filha. Vamos examinar essa afirmativa a partir de algumas manifestações culturais comumente observadas e a partir do plano psicológico mais estreito da relação primitiva da menina com a mãe. Vamos investigar também se a relação da mãe com sua filha mulher, na medida em que nela influi a organização do in-

consciente materno, não poderá ser realmente mais ambivalente e menos investida narcisicamente que a relação desta mesma mãe com seu filho homem. Acreditamos que a estruturação desta relação primitiva da criança com a mãe é fundamental em relação a uma variedade enorme de aspectos psicológicos, sendo que, neste capítulo, iremos, nos restringir às suas consequências mais diretas sobre o narcisismo da menina e sua conseqüente inveja do pênis.

No seu artigo "A Introdução ao Narcisismo" de 1914 Freud diz que o narcisismo primário seria muito difícil de observar diretamente, sendo apenas dedutível das atitudes dos pais para com seus bebês. Seria na observação de atitude dos pais apaixonados pelo seu bebê que poderíamos reconhecer a reprodução ou a revivificação de seu próprio narcisismo. "A sobrevaloração domina a sua atitude emocional"... e o amor dos pais não é nada mais que o narcisismo dos pais renascido e que, transformado em amor objetal, certamente revela sua natureza progressiva".

"They are inclined to suspend in the child's favour the operation of all the cultural acquisitions which their own narcissism has been forced to respect, and to renew on his behalf the claims to privileges which were long ago given up by themselves. The child shall have a better time than his parents... the laws of nature and of society shall be abrogated in his favour; he shall once more really be the centre and core of creation - 'His Majesty the Baby', as we once fancied ourselves".

Quando Freud diz que o narcisismo da criança é o narcisismo dos pais, isto não significa somente que os pais satisfazem sua própria necessidade de estima hipervalorizando o filho que é um produto seu, mas também que a vivência do narcisismo satisfeito da criança tem sua origem nos pais. Os pais induzem portanto uma imagem valorizada no bebê, com a qual este se identifica.

Os pais teriam um certo projeto narcísico em relação a seus filhos, com o qual eles "forjam" (inventam) o sujeito. Freud diz que a criança deve preencher os desejos dos pais que nunca foram realizados; "o menino deve se tornar um grande homem e um herói no lugar do pai, e a menina casar-se com um príncipe, como uma compensação tardia para a sua mãe". Ou seja, o sujeito é marcado, antes mesmo de nascer, por esses desejos e projetos narcísicos parentais que, como Freud bem exemplifica, parecem ser distintos para o menino e para a menina, no momento em que eles vem ao mundo. Levando em conta a cultura em que vivemos, podemos observar que geralmente as meninas são menos desejadas que os meninos, e que os projetos narcísicos que os pais tem em relação a estas difere do que eles tem em relação aos meninos⁽¹⁾. Existe uma série de manifestações culturais ou comemorações por ocasião do nascimento do bebê, que deixam clara estas diferenças. Freud(1933) diz:

"The difference in a mother's reaction to the birth of a son or a daughter shows that the old factor of lack of a penis

(1) Freud(1933): "A mother can transfer to her son the ambition which she has been obliged to suppress in herself, and she can expect from him the satisfaction of all that has been left over in her of her masculinity complex"

has even now not lost its strength. A mother is only brought unlimited satisfaction by her relations to a son; this is altogether the most perfect, the most free of ambivalence of all human relationships".

No livro de Elena Belotti, (1974) baseado em pesquisas suas e de Irene Lézine, há uma série de exemplos que ilustram o diferente investimento na relação dos pais com seus filhos, subordinados ao sexo do bebê. Neste sentido Belotti chegou à conclusão de que os meninos são desejados pelo valor intrínseco de les, por aquilo que eles serão capazes de produzir por si mesmos e realizar algum dia no mundo. Já as causas de desejo para o nascimento de uma menina estariam ligadas ou ao seu valor afetivo doméstico e a sua futura capacidade maternal. (Ou seja, de que elas cuidarão dos pais na velhice, fazem mais companhia, são mais dependentes⁽¹⁾, ou a seu valor enquanto objetos a serem adornados (botar lacinhos, enfeitar, etc...)). Há uma sobrevalorização cultural da maternidade para a mulher, que faz com que esta a sinta como a "verdadeira" realização narcísica possível para a mulher e que dá lugar inclusive a sentimentos de culpa e incompetência feminina frente a qualquer fracasso no campo da reprodução. Apesar de estarem havendo modificações culturais a esse respeito, a frequente procura de ginecologista nos casos em que uma

(1) Freud diz:

"At every stage in the course of development through which all human beings ought by right to pass, a certain number are held back; so there are some who have never got over their parents authority and have withdrawn their affection from them either very incompletely or not at all. They are mostly girls, who to the delight of their parents, have persisted in all their childish love far beyond puberty".

desejada gravidez não ocorre, indica que ainda é comum partir-se da premissa de que as causas da infertilidade deverão ser encontradas nas mulheres. A reprodução e a maternidade são o campo cultural deixado livre e "de direito" para a restituição narcísica na mulher. O próprio Freud leva isto em conta, como veremos mais adiante quando estabelece a equivalência simbólica entre fezes-pênis-bebê que são atributos fâlicos idênticos e intercambiáveis no inconsciente. Neste sentido poderíamos entender a sobrevalorização sexual da vagina como órgão sexual feminino único e privilegiado na teoria freudiana: na organização genital infantil Freud diz: "a vagina passa então a ser valorizada como local de abrigo do pênis e entra na herança do útero materno" (Freud, 1923) ⁽¹⁾.

Segundo pesquisas de Belotti e Lézine a educação da menina é mais calcada na supressão dos fatores pulsionais eróticos e agressivos que a do menino, como se para fazê-la capaz de suportar desde cedo as futuras exigências ligadas ao seu papel social e sexual. Em "Creative writers and Day-Dreaming" (1908) Freud diz que o motor das fantasias são desejos insatisfeitos e, como na vida da menina geralmente bem criada pelos pais lhe é "somente concedido um mínimo de desejos eróticos", nas jovens os desejos eróticos predominam, sendo sua ambição absorvida por estes ⁽²⁾.

(1) No entanto sabemos, que a mulher tem uma pluralidade de zonas erógenas internas e externas tipicamente femininas.

(2) Quanto aos meninos, Freud diz: os desejos egoístas e de ambição aparecem ao lado de desejos eróticos e o "jovem tem que aprender a suprimir o excesso de auto estima que ele traz dos dias mimados de sua infância, para que ele possa encontrar um lugar na sociedade"... Vemos aqui, que Freud observa serem os meninos mais mimados e as meninas mais "contidas" por suas mães nos seus desejos eróticos e narcísicos.

Freud já havia notado isto quando diz no seu artigo "A Moral Sexual Civilizada" (1908) que há uma maior supressão de toda manifestação de curiosidade sexual na menina, que pode levar a um prejuízo futuro da sua sexualidade e intelectualidade. Além disso, diz Freud, como as meninas são criadas com toda sua expectativa de realização pessoal colocada no casamento e filhos, qualquer frustração maior nessa esfera poderá produzir neuroses.

Retomando Freud em "A Moral Sexual Civilizada" lemos:

..."women..., though they may find a sufficient substitute for the sexual object in an infant at the breast, do not find one in a growing child..."

Ou seja, as compensações narcísicas e amorosas que uma mulher pode encontrar num filho são temporárias e podem levá-la, dependendo do grau de investimento de caráter compensatório no filho, às neuroses (frequentemente depressões), quando estes crescem e casam. Retomando as pesquisas de Belotti, as respostas afetivas da mãe frente aos filhos meninos e meninas também diferem quanto a amamentação. Belotti chegou a conclusão de que há maior disponibilidade por parte da mãe e de seu seio frente ao menino, o que se revela na maior frequência de amamentações e no maior respeito ao ritmo e duração da mamada. Verifica-se estatisticamente que as meninas são desmamadas mais cedo. Sabe-se que a amamentação e todo contorno afetivo e erótico que a envolve é de extrema importância para o bebê. Esta significa para ele a prova factual da disponibilidade do corpo materno para si e, em contra-partida, a importância de seu próprio corpo. Ou seja, a resposta materna às demandas afetivas e eróticas do bebê tem a função de confirmar o narcisismo deste, passando pela via das comunicações corporais.

Além dos aspectos já mencionados, Belotti acrescenta que as próprias mães se dizem mais severas e exigentes em relação às meninas. O pudor, o recato, a limpeza, a delicadeza e a aquiescência às demandas da mãe são impostas mais intensamente às meninas que se veem muitas vezes privadas de verem satisfeitas as suas demandas eróticas, afetivas e de autonomia sobre o seu próprio corpo na relação com a mãe.

Há toda uma série de exemplos dados por Belotti quanto às intervenções repressivas por parte da mãe, quando a menina é voraz, audaciosa, ativa, vivaz, exibicionista e agressiva no seu desejo de auto-afirmação frente à mãe e aos outros. Poderíamos pensar que estes traços são contrários às normas sociais em relação ao estereótipo do que é ser mulher. A nível "pulsional" percebemos um movimento repressivo da parte da mãe sobre toda e qualquer manifestação do componente sádico anal no comportamento da menina. As meninas teriam portanto que suportar desde cedo a angústia de dominar seus impulsos eróticos e agressivos. As consequências especificamente "femininas" desta supressão serão discutidas mais adiante.

Retomando o que dizíamos, a relação mãe e filho (não apenas através dos cuidados corporais) tem a função de confirmação narcísica para o bebê. Dado o estado de extrema dependência do bebê da mãe, esta relação pode conferir um bom reassseguramento narcísico ou muitos danos também ao narcisismo do bebê. Há uma influência fundamental da relação da mãe com seu bebê, no modo como este experimentará as consequências das primeiras situações de passividade e do excesso de tensões dentro de si que ne

cessitam ser descarregadas (dada a própria indiferenciação entre o ego e o mundo externo e a imaturação biológica)⁽¹⁾. Segundo C. Luquet-Parat (1975)", alcançada a idade que a criança torna-se capaz de uma relação objetal, seus impulsos ativos e agressivos tornam-se intrincados, endereçam-se a um só objeto (ao mesmo tempo gratificante e frustrante) e a procura ativa de prazeres passivos tolda-se com as primeiras angústias, residindo as raízes do medo das situações passivas no medo da mãe ativa". O próprio estado anterior de dependência vital do bebê da mãe, causaria a formação desta imagem da mãe ativa toda onipotente. Também para Ruth Mack Brunswick (1940) a primeira parte da vida é moldada por experiências de passividade/atividade. É impossível dizer como isto é determinado, mas certamente pode-se constatar que o desenvolvimento da criança se dá com o concomitante incremento da sua atividade. O papel da mãe nesta 1.ª fase não é feminino, mas ativo; e por isso a primeira posição da criança em relação a mãe é passiva. Toda atividade da criança, é baseada, em algum grau, em uma identificação com a mãe ativa, o que faz com que esta se torne menos necessária. Toda supressão da atividade da criança é extremamente ressentida. A criança zela pela sua independência adquirida sob a forma de atividade e a mãe deve aceitar um papel mais passivo para não ferir a criança com sua presença ativa. A criança ferida no seu narcisismo fica hostil e sua agressi

(1) Freud (1926) fala sobre o estado de extrema dependência do bebê de sua mãe na medida que "it is sent into the world in a less finished state..." "the dangers of the external world have a greater importance for it so that the value of the object which can alone protect it against them and take the place of its former intra-uterine life is enormously enhanced. The biological factor, then, establishes earliest situation of danger and creates the need to be loved which will accompany the child through the rest of its life".

vidade é dirigida especialmente contra a mãe que tem todo o poder de restringir, proibir e ordenar:

..."she is not only active, phallic, but omnipotent"...-The term phallic mother ... is one which best designates the all powerful mother, the mother who is capable of everything and who possesses every valuable attribute"

A atividade da mãe deve portanto respeitar os desejos da criança sem ser impositiva, mesmo porque a criança nem sempre aceita o prazer passivo, a não ser na medida em que o deseja e o demanda. A criança normal pode gozar de numerosos prazeres passivos e buscá-los ativamente, na medida em que a mãe possa ser receptiva para com estes, sem invadí-la com suas necessidades ativas amorosas, que podem ser vividas pela criança de maneira ambivalente, como um perigo ou agressão.

Toda criança passa por um processo evolutivo no qual integra suas pulsões parciais que deverão ser narcisicamente investidas para resultar numa maturação pulsional harmoniosa. Para elucidar esta afirmativa, diremos que existe uma correspondência entre a satisfação pulsional e o investimento narcísico. A satisfação pulsional tem dois efeitos: a satisfação pulsional em si, constituída pelo ato que faz cessar a tensão e o investimento narcisista do próprio ato, que faz referência ao valor do ato realizado que satisfaz o amor próprio da criança. Este investimento é realizado portanto através da mãe que ama seu filho e todas as suas manifestações vitais. A partir disto a criança passa a reconhecer esses movimentos vitais como seus e passa a amá-los tam -

bém. Se a mãe não proporciona este amor e este investimento narcísico ao bebê este poderá sofrer danos na sua auto-estima, aos quais denominamos de "feridas narcísicas".

Retomando Freud (1921):

"The evidence of psycho-analysis shows that almost every intimate relation between two people which lasts for some time... contains a sediment of feelings of aversion and hostility, which only escapes perception as a result of repression"... "Perhaps with the only solitary exception of the relation of a mother to her son which is based on narcissism, is not disturbed by subsequent rivalry and is reinforced by a rudimentary attempt at sexual object-choice".

Isto nos leva a pensar, como Grunberger, que a mãe afetuosa possa tentar dar a sua filha mulher um reassseguramento narcísico "de maneira formal" mas sem atribuir a esta um valor afetivo narcísico, como o faz com seu filho menino. A mãe, não tendo alcançado uma boa integridade narcísica, não pode se oferecer para sua filha mulher como um bom espelho, no qual a filha possa se reconhecer como amada e valorizada, confirmando assim o seu narcisismo.

Grunberger supõe que a relação mãe-filha é portanto deprecionante para ambas, na medida em que estas não são satisfatórias uma para a outra na qualidade de objeto. As enormes exigências futuras da mulher de demonstração amorosas de seu companheiro teriam raízes nesta primeira relação insatisfatória. (Podemos pensar que a ambivalência pode ser a da mãe em relação a filha,

já que para a menina ainda não existe diferenciação sexual do objeto)⁽¹⁾.

Retomando Grunberger, dada esta carência básica, a menina tenta se proporcionar um reassseguramento narcísico por si mesma, na tentativa de suprir a carência materna (e de ganhar uma maior autonomia frente a mãe). Esta tentativa não é muito bem sucedida dada a deficiência básica já existente, fruto da relação deficitária com a mãe e por isso a menina ficará marcada por uma maior dependência em face de seus objetos. Segundo Janine Chasseguet-Smirgel (1975) a menina é mais ferida narcísicamente que o menino pelo fato da mãe não tê-la investido da mesma maneira que o menino; sendo que para a menina é mais difícil livrar-se da onipotência materna na medida em que ela não possui nenhum valor narcísico e exclusivo seu que sua mãe também não possua. "Ela não poderá lhe provar que lhe é superior já que esta expressão alude, penso eu, ao exibicionismo fálico". Já os meninos tem um pênis como valor narcísico próprio para servir de obstáculo a essa mãe onipotente. Ele pode se reassegar narcísicamente pela posse de seu pênis (já que sua mãe não possui um) fazendo "frente" à mãe onipotente. No item seguinte esta mesma afirmativa de Smirgel será analisada desde a perspectiva da fase anal do

(1) A função materna depende da organização do inconsciente materno fundado no complexo de castração. Ou seja numa visão / do Édipo ampliado a relação da mãe com a sua filha irá depender da maior ou menor normatividade de intercâmbio que "alcança a instaurar la equivalência simbólica: niño por pene, fruto de la confrotation de la premisa universal del pene / con la evidencia de la diferencia sexual anatômica" (GODINO-CABAS 1979)

desenvolvimento. Segundo Janine Chasseguet-Smirgel, a inveja do pênis⁽¹⁾ representaria simbolicamente o desejo de suprimir a ferida narcísica inflingida pela mãe onipotente da infância. O pênis teria o significado inconsciente daquilo que possibilita a completude, a perfeição e a autonomia, ou seja, o significado de um atributo fâlico que permite libertar-se do domínio desta mãe toda poderosa da infância. Smirgel (1976) diz:

"Penis envy... is rather the desire to triumph over the omnipotent mother through the possession of the organ the mother lacks, i. e., the penis".

Acreditamos que, em parte, Ruth Mack Brunswick já havia se dado conta do valor que o pênis teria para o menino para se desprender da mãe onipotente da infância, quando esta afirma no seu artigo "The Preoedipal phase of the libido development" (1940) que:

"Under the threat of castration by his father, the boy abandons his mother as his love object and turn his activity to the formation of his superego and sublimations, aided undoubtedly by a mild contemptuous attitude towards the castrated-sex, and by the fact that, possessing the phallus himself, he has far less need for it in his love object than the little girl has".

(1) A inveja do pênis, segundo Smirgel, é primária, mesmo porque do ponto de vista narcisista a menina se vê mais ou menos dolorosamente "incompleta", sendo que a inveja do pênis representaria o desejo de suprimir a ferida narcísica resultante da relação com a mãe.

E, no caso da menina:

"The active wish for a penis of the little girl arises with the observation of the difference between the sexes and the determination to have what the boy has. This original basis is narcissistic. An object root is formed when the little girl realizes that without a penis she is unable to win the mother".

IIIb) - O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E A EQUAÇÃO SIMBÓLICA "FEZES-PÊNIS-BEBÊ

Reexaminaremos neste item a questão da ferida narcísica e de sua restituição na mulher, a partir da equação simbólica fezes-pênis-bebê.

Retomemos a relação postulada por Smirgel entre a inveja do pênis e a ferida narcísica infligida pela mãe à menina, a partir da perspectiva da analidade e da equação simbólica fezes-pênis-bebê, proposta por Freud no capítulo (VII) da "História de uma Neurose Infantil" (1918). Neste artigo Freud diz que as fezes são o primeiro presente, o primeiro sacrifício que a criança estaria disposta a fazer em benefício de alguém amado. As fezes são uma parte do corpo da criança, um produto exclusivo seu, que ela aceita compartilhar pelo desejo de agradar à mãe. Este produto é investido narcísicamente (além de eroticamente) e por isso sua perda representa, segundo Freud, um protótipo da castração. "Fezes-Pênis-Bebê, diz Freud, formam uma unidade, um conceito in -

consciente de algo pequeno que pode ser destacado de nosso próprio corpo ⁽¹⁾. A maior ou menor intensidade da vivência de castração na analidade irá depender da relação da mãe com a criança e, como veremos, das diferenças anatômicas entre os sexos. Segundo pensamos, o menino e a menina sofreriam de maneira distinta as consequências da experiência real da perda das fezes, devido ao fato do menino possuir um órgão visível, o pênis, narcisicamente investido, e a menina não. Como já vimos, a perda das fezes (castração) é, nessa etapa, de essência sádico-anal. Segundo Grunberger, (1979) a concepção do mundo na fase anal é da ordem do mensurável, do comparável e do visível. Na etapa anal só se reconhece como "real" portanto aquilo que é claramente preciso e visível, havendo, como se sabe, um componente exibicionista na analidade. A partir dessas observações acerca da analidade, consideremos agora que o suporte anatômico da sexualidade feminina está menos visível, mais oculto; ou seja, para a criança na fase anal, a genitalia feminina é inexistente. Pode-se supor, portanto, que a antítese fálico-castrado é proveniente da fase anal, ou seja, a menina vive a si mesma como castrada porque sua "genitalia" carece de determinadas características que, do ponto de vista da analidade, são indispensáveis. Na fase anal existe também uma relação de controle e poder com o objeto. Segundo Grunberger o controle objetal na analidade equivale a privar o objeto de sua autonomia, significa portanto castrá-lo "e esta castração do outro possui o valor de aquisição de um pênis pessoal no inconsci-

(1) Nas "Novas Lições Introdutórias" número 32 (1933) Freud retoma o tema do protótipo da castração na defecação e no parto, partindo da teoria cloacal infantil, segundo a qual o coito e o parto se dariam pelo ânus.

ente", já que a imagem do pênis adquire o significado de poder, autonomia e integridade corporal e psíquica. Vemos assim como a mãe da analidade poderá ser vivida como extremamente exigente autoritária e castradora, reforçando a imagem da mãe toda onipotente da infância. Dada a necessidade de autonomia expressa através da atividade e do controle de seu próprio corpo e do mundo, a criança na etapa anal pode se sentir extremamente ferida, expoliada e castrada se a mãe for demasiado invasiva, ativa e controladora ⁽¹⁾. A criança ficará então carregada de hostilidade, sendo que esta será dirigida aos conteúdos ou atributos de valor da mãe (leite, fezes, pênis, bebês). A criança, portanto, atacará fantasmaticamente em maior ou menor intensidade esses conteúdos maternos (atributos de valor), dependendo do grau de hostilidade despertado pelas injúrias narcísicas na relação com a mãe. Na fase anal, como vimos, se a mãe não permite que o filho reconheça como seus os movimentos e produtos de seu próprio corpo, a criança ficará ferida no seu narcisismo e cheia de hostilidade, sendo que isso traz consequências sérias ao desenvolvimento libidinal da criança. Lou Andreas Salomé (1916) co

(1) Maria Torok refletindo a respeito do significado da masturbação na analidade (1964) diz que a mãe fálica toda poderosa da analidade seria uma mãe muito exigente, que proibiria a masturbação. A masturbação teria uma função fantasmática de figuração peniana, que ajudaria a menina a libertar-se da relação de dependência materna, facilitando a formação de uma imagem materna também liberta, capaz de ter seu próprio prazer, independentemente da filha. A censura da masturbação teria como efeito justamente aprisionar a criança ao corpo da mãe, perpetuando sua dependência desta como um apêndice da mãe e impedindo-a de sair em direção ao pai". A mãe controladora que proíbe a masturbação proporciona uma imagem materna ciumenta, vazia e insatisfeita, que dificulta a criança ter seu próprio prazer, enchendo-a de culpa. A masturbação com seus concomitantes fantasmáticos permitiria à menina readquirir através de seu próprio prazer o poder sobre seu próprio corpo, anteriormente arrebatado pela mãe da analidade.

menta sobre isto dizendo:

"The history of the first prohibition/ which a child comes accross - the pro^hhibition against getting pleasure from anal activity and its products - has a decisive affect on his whole deve^lopment. This must be the first occa^ssion on which the infant has a glim^pse of an environment hostile to his instinctual impulses, on which he learⁿs to separate his own entity from / this alien one and on which he carri^es out the first "repression" of his pos^sibilities for pleasure. From that time on, what is "anal" represents the symbol of everything that is to be repudiated and excluded from life".

Esta consideração acerca do repúdio a tudo que tem um colorido anal na nossa cultura será desenvolvida mais adiante, quando falarmos da oposição entre o narcisismo feminino e os componentes anais da sexualidade. Retomemos por ora, a questão da vivência de castração na perda das fezes nesta etapa do desenvolvimento libidinal. Dependendo do grau de ambivalência na relação da criança com a mãe e da atitude da mãe em relação ao prazer anal da criança, a perda das fezes se constituirá numa maior ou menor ferida narcísica. Freud postula que a relação da mãe com a menina é em geral mais ambivalente do que a com o menino, podendo-se supor que esta experiência real da perda das fezes será mais angustiante para a menina(1), na medida em que

(1) As fezes também tem o valor objetal de moeda de transação / entre a criança e a mãe. Melanie Klein (1932) diz que a criança fantasia que o corpo da mãe contém tudo que é dese-

esta também não possui um pênis como suporte anatômico para o seu narcisismo.

A criança poderá se sentir expoliada e esvaziada, pela perda concreta e real dos conteúdos preciosos de seu próprio corpo, que ela percebe como retirados pela mãe controladora da anabilidade. A nosso ver, esta ferida narcísica pode ser melhor superada pelo menino, na passagem da fase anal para a fálica, na medida em que este possui em si mesmo um pênis ao qual pode transferir todas as cathexias eróticas e narcísicas das fezes⁽¹⁾.

Por ser possuidor de um pênis real e visível, o menino como que recupera nele as fezes perdidas (e o valor narcísico e erótico atribuído a elas). Isto lhe reassegura e fortalece narcísicamente, sendo portanto mais fácil para ele suplantar a mãe, / realizando assim o seu desejo de auto-afirmação e autonomia.

Consideremos agora a menina, que também sofreu a ferida narcísica da perda das fezes, mas que não tem, como o menino, um pênis, ou seja, um órgão atribuído de valor narcísico e erótico, imediatamente visível e disponível, onde "recuperar" as fezes perdidas. Relembrando a hipótese de Chasseguet-Smirgel, o desejo da menina pelo pênis é o desejo de possuir um órgão com um valor

jável e que as frustrações fazem surgir impulsos sádicos de atacá-la e meter-se em seu interior para despojá-la de seus conteúdos valiosos. Os medos de retaliação são a base de uma das ansiedades mais profundas na mulher que é o receio de ser esvaziada e destruída internamente.

(1) Freud no capítulo (VII) da História de uma Neurose Infantil/ afirma que "o amor de alguém pelo seu próprio pênis, que é em outros aspectos narcísicos, contém também um elemento de erotismo anal.

próprio, um órgão exclusivo seu, que sua mãe não possuía, para poder "fazer frente" a ela; suprimindo assim sua ferida narcísica.

Retomando, no caso da menina, a equação freudiana "fezes-pênis-bebê", notamos que em seguida à perda das fezes, se segue o desejo por um pênis, que não é nunca satisfeito e que, é substituído depois pelo desejo de ter um bebê⁽¹⁾.

Nas meninas portanto, o interesse nas fezes será transferido para o desejo de ter um bebê, para o qual mais tarde convergem um impulso erótico-anal e um impulso genital (inveja do pênis).

Em "Transformations of an instinct as exemplified in anal erotism" Freud fala que, na linguagem comum, pênis e bebê / são designados pelo conceito "pequenininho" (em inglês: "Little one"). Parece que a menina nunca deixa de desejar totalmente o pênis, na medida em que ela o deseja primeiramente do pai e posteriormente do marido e do filho homem. De acordo com Freud, somente o nascimento de um filho homem dá temporariamente à mulher o pênis tão esperado.

A menina terá que esperar um longo tempo para que este desejo por um (pênis) bebê possa ser realizado concretamente, restituindo assim seu narcisismo. Entre a fase pré-genital e a

(1) Lou Andreas-Salomé (1916) comenta que a persistência do erotismo anal na sexualidade madura feminina sempre a impressionou: A ansiedade das meninas, por exemplo, após ameaças por masturbação, geralmente assume a forma de um medo de ser incapaz de dar a luz e, nesse ponto, a igualdade entre fezes, pênis e bebê é ainda mais clara". Lou Andreas-Salomé faz por tanto um paralelo entre a ansiedade em relação à evacuação e à ansiedade em relação ao parto, que tem como ponto comum a equivalência "dar fezes" - "dar bebês".

genital propriamente dita, Grunberger sugere que se intercale uma fase narcísica que, a nosso ver, corresponderia a esse intervalo de tempo de espera entre o desejo por um bebê e sua realização concreta. Em geral, nesta fase a menina se investe toda narcisicamente, de maneira a se compensar pelas feridas narcísicas sofridas na relação com a mãe. Concluimos, portanto, que a hipertrofia do narcisismo feminino diz respeito a uma carência de confirmação narcísica na relação com a mãe. Esta não pode cumprir em relação à filha, a função materna de espelho, no qual ela poderia reconhecer sua própria integridade narcísica, até o momento em que seu narcisismo bem fundado não necessitaria mais desta integridade narcísica emprestada da mãe. A frustração narcísica provoca uma culpabilização da relação da menina com a mãe; criando em contrapartida um conflito entre "seu narcisismo e seu Ego, cavando uma fossa entre os dois que jamais poderá ser preenchida" (Grunberger, 1979). Ou seja, a partir daí pensamos que a intensidade da inveja do pênis poderia ser relacionada com o tamanho da ferida narcísica, provocada pela sua relação com a mãe. A inveja na menina seria portanto relativa à carência narcísica por um lado e à ausência do suporte anatômico dado pelo pênis visível ao menino pelo outro. Desde a perspectiva da analidade a menina se sente portanto mais prejudicada e mais carente narcisicamente, o que em contrapartida reativará suas exigências narcísicas e sua maior dependência de confirmação e valoração narcísica por parte dos outros. Veremos isto melhor no item que se segue e que trata especificamente do narcisismo feminino.

IIIc - O JOGO DIALÉTICO ENTRE NARCISISMO E PULSÕES PARCIAIS (e em especial do componente sádico-anal) NA SEXUALIDADE FEMININA

Neste item teceremos algumas considerações sobre a difícil integração do narcisismo feminino com os componentes pulsionais da sexualidade feminina, partindo de algumas idéias de Freud colocadas no artigo "Introdução ao Narcisismo" (1914). Neste artigo Freud constata a importância do fator narcísico na mulher, sugerindo que este pareceria ter um peso fundamentalmente maior e diferente do que tem na sexualidade masculina, como veremos no item IIIId. A atitude sexual masculina parece estar calcada numa base pulsional organizada a partir do componente sádico-anal, sendo que o elemento narcísico é geralmente subordinado ao fator pulsional, que busca, através de um objeto adequado, a descarga ou a calma pulsional. Já na mulher poderá haver uma subordinação exagerada e, portanto, nociva, do fator pulsional ao fator narcísico. Freud: "Thus we attribute a larger amount of narcissism to femininity, which also affects women's choice of object, so that to be loved is a stronger need for them than to love".

O modelo proposto por Freud na "Introdução ao Narcisismo (1914)" postula uma balança energética entre libido de objeto e libido narcísica (do ego). Ou seja, a libido pode investir o objeto ou o Ego. Quanto mais uma é utilizada, mais a outra fica empobrecida. Ou seja, se houver um investimento libidinal desmesurado no Ego, este diminuirá a quantidade de libido disponível para investir no objeto.

Comparando o tipo de escolha de objeto do homem e da mulher, Freud afirma que, tipicamente, o homem ama segundo o tipo

de amor de objeto completo (do tipo de "attachment"). Neste, o narcisismo original da criança é transferido para o objeto sexual, causando com isso uma supervalorização sexual do objeto. (O homem geralmente ama para obter sua satisfação pulsional, o que, em troca, fortaleceria seu narcisismo).

Quanto às mulheres, Freud diz: "A different course is followed in the type of female most frequently met with, which is probably the purest and truest one. With the onset of puberty the maturity of the female sexual organs, which up till then have been in a condition of latency, seems to bring about an intensification of the original narcissism, and this is unfavorable to the development of a true object-choice with its accompanying sexual evaluation. Women, especially if they grow up with good looks, develop a certain self-contentment which compensates them for the social restrictions that are imposed upon them in their choice of object. Strictly speaking, it is only themselves that such women love with an intensity comparable to that of the man's love for them. Nor does their need lie in the direction of loving, but of being loved, and the man who fulfills this condition is the one who finds favour with them" (1).*

Relacionemos o acima dito com o que Freud afirma na "Dissolução do Complexo de Édipo": a ameaça de castração na menina

(1) Nestas mulheres a passagem do narcisismo secundário para o amor objetal poderia ser realizada através do bebê que trazem dentro de si "a part of their own body confronts them like an extraneous object, to which, starting-out from their narcissism, they can give complete object-love" Freud (1914). Chamamos de narcisismo secundário aquele que resulta da retirada da libido investida nos objetos e um retorno desta para o próprio ego (a analogia feita por Freud é a da ameba que emite e recolhe seus pseudópodes).

* Sublinhado por nós.

não se constitui no medo da perda do pênis como no menino, porque ela já não o possui, mas reside portanto na ameaça da perda do amor que parece pertencer a fase anterior à fálica. Freud em 1933 diz que "fear of being castrated (in women)... its place is taken in their sex by a fear of loss of love which is evidently a later prolongation of the infant's anxiety if it finds its mother absent"... "The danger of ... loss of love fits the lack of self-sufficiency in the first years of childhood". Porque a perda do amor se constituiria numa ameaça equivalente a ameaça de castração na mulher?

Segundo Grunberger (1975), ser amada, significa ser escolhida, ser reconhecida, ou seja, ser objeto de uma especial valorização narcisista e portanto essa mulher depende do homem que a ama para obter esta confirmação narcísica de que necessita. Grunberger acredita que ser amada poderia então corresponder, a nível inconsciente, à posse do falo, enquanto este significa aquilo que lhe completa, tornando-a perfeita e autônoma. Algumas mulheres investem seu corpo como um falo, realizando assim um estado de autonomia narcísica, fazendo-se belas, encantadoras e desejáveis muitas vezes em detrimento de sua vida pulsional objetal(1). Para Freud (1933), isto corresponderia a uma compensação pela falta de um pênis.

"The effect of penis-envy has a share further in the physical vanity of women, since they are bound to value their charms more highly as a late compensation for their original sexual inferiority".

Por outro lado, vemos como, na nossa cultura, ainda hoje a mulher tende a centrar sua vida "narcisicamente" no amor,

- (1) Poderia existir portanto uma relação disto com a histeria e a frigidez. Ferenczi diz que a experiência analítica nos faz supor que outras partes do corpo podem se genitalizar como confirma a histeria. Luquet-Parat (1975) falando acerca do narcisismo feminino corporal diz que o desejo de ser desejada corresponderia a uma identificação com o falo, o que é uma maneira de seduzir, de possuir, de conservar o controle e a posse em relação ao outro.

no casamento e nos seus filhos, diferentemente do homem que, depois da fase narcísica da adolescência, investe principalmente em outras atividades profissionais ou de caráter sublimado. Toda vida da mulher tende a ser investida narcisicamente, segundo Grunberger: a mulher investe seu ego corporal e tudo que possa ser tomado como uma extensão sua (a casa, os filhos, o parceiro). Há uma unicidade nos investimentos narcísicos da mulher, tendendo este a contrastar com a polivalência de investimentos do homem.

Ser amada importa tanto ao narcisismo feminino que muitas vezes observamos que a mulher se oferece sexualmente para ser amada, mesmo em detrimento de uma satisfação sexual direta. Seguindo o modelo proposto por Freud na Introdução ao Narcisismo, podemos supor que, na tentativa de suprir a carência narcísica da relação com a mãe, a menina se torna narcisista e, como resultado deste investimento demasiado no fator narcísico, a sua libido fica menos disponível para investir os componentes pulsionais e objetais. Isto, segundo Grunberger, dificultaria uma adequada fusão dos componentes pré-genitais na unidade genital que deverá prevalecer, retardando-a ou impedindo sua conclusão. Para ele, a mulher intercalaria uma fase narcísica entre a fase que ele classifica de pulsional (entendemos pré-genital) e a fase genital propriamente dita, podendo esta fase interposta funcionar como ponte ou abismo dependendo das circunstâncias. No caso de uma evolução satisfatória, que depende primordialmente da relação da menina com a mãe, as pulsões (parciais) são narcisicamente investidas e integradas promovendo a maturação pulsional na genitalidade. Na relação objetal normal o narcisismo fortalecido incrementa o amor

objetal. No caso de uma evolução prejudicada (neurótica), a integração dos fatores narcísicos e pulsionais se conflituam, causando um desequilíbrio em que o fator narcísico reduz o investimento pulsional nos objetos. Neste caso não teríamos um balanceamento adequado entre narcisismo e pulsões.

Acompanhando o pensamento de Grunberger, quando o equilíbrio ideal entre o narcisismo e as exigências pulsionais não é alcançado, o fator narcísico tenderá a favorecer a dessexualização, ou seja, uma defusão das pulsões parciais e em especial do componente sádico-anal⁽¹⁾. O narcisismo feminino quando exacerbado seria oposto ao componente sádico-anal da sexualidade. Vemos como há um ideal cultural feminino de pudor, limpeza, adornos, perfumes e delicadeza, que poderia ser considerado como uma formação reativa dos componentes anais.

Segundo Grunberger, isto favorece a uma idealização da sexualidade, um desprezo pelo ato carnal (que toma o sentido pejorativo) e a acentuação de todos os elementos "assexuados" do amor, em detrimento da sexualidade. O incremento do narcisismo na mulher pode portanto se opor ao componente sádico-anal da sexualidade, favorecendo a insatisfação sexual na mulher. Este seria um dos possíveis fatores que contribuiriam para a frigidez feminina, o vaginismo e a dispaurenia, ligada à conflituação da incorporação do pênis, dada a má integração do componente sádico anal, como veremos a seguir no item IIIId.

(1) Freud coloca no artigo "Id. e Ego" que a transformação da libido objetal em libido narcísica implica num abandono dos fins sexuais, ou seja, numa dessexualização, um tipo de sublimação... "podendo também gerar uma defusão dos instintos vários até então fusionados".

IIId - OS COMPONENTES SÁDICO-ANAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A SEXUALIDADE FEMININA

Nesta parte do trabalho reexaminaremos algumas das considerações feitas por Freud e outros autores acerca da contribuição dos componentes sádico-anais na organização genital da mulher.

No item anterior discutimos a dinâmica da relação entre o narcisismo e as pulsões na sexualidade feminina. Observamos que dadas as carências narcísicas básicas da menina, esta poderia tentar supri-las através de um investimento exagerado do seu narcisismo (ego corporal e suas extensões) que poderia vir a intervir na sua vida sexual e amorosa. O narcisismo bem balanceado com os aspectos pulsionais, segundo Grunberger facilitaria que o clitóris e a excitação sexual narcisista desempenhem seu papel de "starter" (desencadeante) de toda excitação sexual ampliando-a a zona genital e a todo corpo feminino. Quando o clitóris fica como órgão exclusivo e restrito de prazer, não funcionando como desencadeante da excitação corporal total é devido ao fato de que, nestes casos, "o narcisismo interposto entre as pulsões parciais e a genitalidade funciona mais como um abismo que como ponte". Vimos que o incremento do narcisismo feminino num contexto neurótico, tende a ser como uma formação reativa aos componentes sádico-anais da sexualidade, entendendo-se por isso uma má integração dos componentes anais, que é um dos principais responsáveis pelo sentimento de culpa sexual na mulher. Haveria portanto uma "oposição narcisista de composição sádico-anal" que, segundo Grunberger, explicaria a culpa no momento da incorporação do pênis pela vagina.

Pensamos que pelo fato da sexualidade feminina ser na realidade "mais densa do que a do homem", ela é mais reprimida e por isso o que constatamos na clínica psicanalítica é o seu "outro lado", de inibições e sentimentos de culpa. Isto só vem a comprovar a existência dessa riqueza e intensidade da sexualidade da mulher uma vez que "não se inibe ou não se contra-investe aquilo que não existe" (Grunberger, 1975).

Há uma diversidade de zonas erógenas na mulher que se estendem por várias regiões, sendo que todo o corpo da mulher pode ser considerado como um órgão sexual, o que se revela na análise "através da" representação fálica inconsciente do ego corporal, "significando com isso um símbolo de acabamento e perfeição". Grunberger (1975).

Para Grunberger o clitóris poderia ser o correlato anatômico do narcisismo feminino, na medida em que ele é o órgão do prazer que cada um se dá, não servindo a nenhuma outra função a não ser "dar esse prazer". Isto é o que parece ser culturalmente criticado e reprimido acerca do prazer clitoridiano da mulher. A vagina depende do outro (pênis). para ter seu prazer (é um órgão social, receptáculo), mas o clitóris não. "O homem e a sociedade parecem reprovar a mulher, entre outras coisas, é querer comportar-se como se 'possuísse', e ao clitóris de comportar-se como se fosse um pênis" (Grunberger, 1975). Esta é uma visão que foi agenciada pela teoria freudiana, de que o clitóris seria um órgão tipicamente masculino, como um pênis atrofiado. No entanto, sabe-

mos ser ele tipicamente feminino e narcisista e deve portanto ser integrado à sexualidade feminina, o que é de extrema importância no trabalho clínico com mulheres. Veremos como o uso exclusivo e restrito do clitóris pode também ser uma maneira de evitar a culpabilidade à incorporação do pênis pela vagina, o que será analisado mais adiante.

Veremos nesta parte do trabalho como o sadismo se liga à atividade. A etapa anal extrae seu componente ativo do sadismo, enquanto que a passividade tem como seu protótipo a mucosa intestinal erógena. Ou seja o componente sádico-anal não só confere o elemento motor (atividade), ao ato sexual mas também empresta todo um colorido erótico e fantasmático a este ato. Abordaremos a questão da participação do componente sádico-anal na genitalidade não somente a partir de sua contribuição ao erotismo genital, mas também veremos de que maneira este componente sádico-anal pode ser utilizado na sexualidade feminina.

Vejamos algumas das considerações de Freud acerca da importância dos componentes anais na configuração da sexualidade genital madura:

Em 1905 Freud já afirmava que a pulsão sexual tinha um componente sádico, utilizado na fase genital para a posse do objeto sexual. Nos "Três Ensaio sobre uma Teoria Sexual" ele liga a chamada pulsão de domínio à fase sádico-anal e à motricidade.

Em 1918 Freud afirma que todos os analistas concordariam que os componentes sádico-anais teriam um influência fundamental "na construção da vida sexual e da atividade mental em geral". Freud diz que as fezes seriam precursoras da catêxia

erótica do pênis e que o interesse na vagina também seria essencialmente de origem erótica anal.

Para Lou Andreas Salomé. (1916) "The clear-cut distinction between anal and genital processes which is later insisted upon is contradicted by the close anatomical and functional analogies and relations which hold between them. The genital apparatus remains the neighbour of the cloaca, and actually in the case of women, is only taken from it on lease".

Para Freud os termos da equação fezes-pênis-bebê ganham um colorido erótico anal na medida em que também representam a relação conteúdo-continente estabelecida entre as fezes e o reto. Vejamos:

"Fezes, pênis e bebê são três corpos sólidos, todos os três, por penetração ou expulsão, estimulam uma passagem membranosa, isto é, o reto e a vagina"... "Estes três elementos de correspondência orgânica reaparecem na esfera psíquica como uma identidade inconsciente".

As fezes seriam portanto, na sua significação inconsciente, um ponto de apoio para os deslocamentos posteriores, pênis e bebê, que se operariam na menina. Além disso a analidade "em - prestaria" seu modelo de erotismo à vagina. Freud (1917) diz:

"A relação entre o pênis e a vagina, que ele preenche e excita, tem seu protótipo na fase sádica-anal". "O bastão fecal representa por assim dizer um primeiro pênis e a membrana mucosa do reto representa a vagina."

Através destes exemplos de Freud vimos de que maneira uma parte do que era originalmente de interesse erótico anal ganhou acesso à organização genital.

Examinemos brevemente agora, as diversas vicissitudes que pode sofrer o componente sádico-anal na sexualidade genital, se gundo a opinião de alguns psicanalistas.

Segundo Freud (1933), na relação sexual, o sadismo está associado à masculinidade e o masoquismo à feminilidade:

"As you know too, a certain admixture of these two trends is included in normal sexual relations, and we speak of perversions when they push the other sexual aims into the background and replace them by their own aims. And you will scarcely have failed to notice that sadism has a more intimate relation with masculinity and masochism with femininity, as though there were a secret kinship present; though I must add we have made no progress along that path".

Na medida em que todo aspecto ativo, motor e energético do ato sexual é derivado do sadismo, sua conexão com a sexualidade masculina foi mais facilmente estudada e esclarecida. No entanto, segundo alguns autores, este elemento ativo derivado do sadismo deve estar presente na sexualidade feminina (no desejo, por exemplo, de incorporar o pênis), e sua participação deve ser melhor investigada. É o que tentaremos fazer mais adiante.

Sandor Ferenczi (1928) diz que no homem a presença do componente sádico-anal se manifesta no ato sexual, na conquista do objeto; na penetração e na possibilidade de retardar ou reter a ejaculação⁽¹⁾.

(1) Para Ferenczi, na masturbação do menino a identidade simbólica bebê-fezes é substituída pelo símbolo bebê-pênis, sendo que a cavidade de sua mão na masturbação representaria simbolicamente o órgão genital feminino. Ferenczi também formula a hipótese de que o homem buscaria no coito, através de uma identificação com seu próprio sêmen um retorno real ao útero materno. Neste sentido, todas as manifestações da libido genital interpretariam, no homem e na mulher, através de seus

Para a mulher, diz Ferenczi os primeiros coitos podem ser desprazerosos mas, mais tarde, "la femme apprend à subir passivement l'acte sexuel et encore plus tard à le ressentir comme une jouissance, ou même a y prendre une part active. Mais la résistance primitive se reproduit également a chacun des coits, sous la forme de la résistance opposée par la musculature vaginale qui se contracte; plus tard seulement le vagin devient glissant et facilement perméable et tout à la fin se produisent les contractions qui ont pour but l'incorporation de la sécrétion et du penis (peut-être la tendance castratrice joue également un rôle ici). ... "Il semble toutefois qu'une quantité appréciable d'érotisme anal et oral se déplace aussi sur le vagin, dont la musculature lisse semble imiter, tant par ses contractions que par son peristaltisme, les plaisirs de l'ingestion orale et de la rétention anale. Alors que généralement chez l'homme la zone génitale principale est teintée d'urétralité, la femme régresse essentiellement vers l'analité, dans la mesure où, dans le coit, l'accent se trouve mis chez elle sur la conservation du pénis, du sperme et du fectus qui se développe à partir de celui-ci (1).

Ferenczi ressalta a participação ativa da vagina no coito nas suas contrações prazerosas e na sua tarefa de conservar o pênis e o esperma.

Distintamente, para Marie Bonaparte (1951), seria o erotismo cloacal passivo que deveria se constituir no protótipo do

próprios corpos, o duplo papel da mãe e do filho na relação primordial conteúdo/continente. O desejo de retornar ao útero materno se faria na mulher, através de fantasmas, numa identificação imaginária durante o coito com o homem possuidor do pênis, uma sensação na vagina como se ela tivesse um pênis (penis creux) e enfim uma identificação com o bebê que se desenvolve no seu corpo.

(1) Sublinhado por nós.

erotismo-vaginal.

Para Marie Bonaparte, antes da fase anal ativa haveria uma fase cloacal passiva, onde a criança ainda não conseguiria reter as fezes. Bonaparte diz que o importante para o menino seria "libidinizar o sistema muscular ativo" da zona cloacal, enquanto que a menina, para se tornar plenamente mulher, deverá libidinizar (erotizar) predominantemente a zona cloacal passiva.

Como vemos, existem divergências a respeito do papel específico do erotismo anal na organização genital posterior feminina. Enquanto que Ferenczi dá ênfase ao elemento ativo de incorporação do pênis pela vagina; Maria Bonaparte acredita que é o elemento passivo do erotismo anal que deverá predominar na libidinização da vagina.

Lembremos que o par antitético típico da fase sádico-anal é o par ativo-passivo e estas características se encontram em diferentes proporções num mesmo indivíduo. Quando falamos de sadismo e masoquismo neste trabalho estamos nos referindo principalmente a atividade e a passividade que constituem-se nas suas características fundamentais, e que fazem parte da vida sexual em geral.

Vejamos o que outros autores tem a dizer sobre o destino do componente sádico-anal na sexualidade genital feminina já que Freud diz que o acesso a uma posição feminina seria marcado pela troca de fins sexuais ativos por passivos. A passividade segundo ele não significa "inércia", na medida em que grande dose de atividade pode ser requerida para se atingir um fim passivo.

Para Freud, no momento da troca de objeto, com a des-

coberta decepcionante da ausência de pênis na mãe, a menina fica ferida no seu narcisismo (também por identidade sexual a mãe) e se volta para o pai. Neste momento haveria segundo Freud uma evidente diminuição dos impulsos sexuais ativos anteriormente dirigidos a mãe, e uma acentuação dos impulsos sexuais passivos com a concomitante repressão da masturbação clitoridiana. Para Freud o clitóris é considerado como um órgão "masculino" e não especificamente feminino. (Na mulher este órgão é essencialmente prazeroso o que já marca uma diferença para com o pênis que serve também para a micção). Talvez por essa comparação de tamanho entre o clitóris e o pênis em suas atribuições ativas de prazer, Freud tenha chegado a considerar em 1924, que a presença do elemento sádico no instinto sexual feminino fosse menor (assim como o clitóris é menor que o pênis), sendo que isto tornaria mais fácil "a transformação das tendências sexuais diretas em tendências inibidas no seu fim, do tipo afetivo". A pulsão sádica-anal poderia sofrer portanto, segundo Freud, uma inibição no seu fim, ou seja ao invés de se satisfazer diretamente, esta, por obstáculos internos ou externos, encontra uma satisfação atenuada em uma relação do tipo afetivo. Agora, como entender esta inibição no seu fim? Ela envolveria uma repressão do seu alvo primitivo e um retorno do reprimido; ou quais seriam suas relações com a sublimação? Isto não fica claro em Freud.

Marie Bonaparte (1951) também sugere que a mulher teria, já de início, uma agressividade menor que a do homem, sendo que esta se erotiza na mulher sob a forma de masoquismo. Marie Bonaparte acha que, na mulher, a função erótica e a reprodução associam-se a temores profundos com respeito à conservação do próprio

corpo (isto é, ao investimento narcísico deste). "Só a conversão das pulsões sádico-anais em masoquistas passivas permite aos desejos libidinais superar os temores de rompimento biológico, dando à mulher deste modo uma atitude receptiva à ofensa sempre renovada do coito". Segundo J. Lamp-de-Groot (1927) os impulsos agressivos e sádicos se voltariam para o interior sob a forma de masoquismo. Helen Deutsch (1930) é da mesma opinião, afirmando que os impulsos eróticos sádico-ativos se modificam masoquisticamente, sendo que isto se daria com o desvio dos impulsos ativos que investem o clitóris.

Já para Ruth Mack Brunswick ("A Fase Pré-Edípica do Desenvolvimento Libidinal, 1940), no momento da troca de objeto, a menina sublima temporariamente suas tendências ativas, que só mais tarde serão re-utilizadas na maternidade quando se dá a identificação final com a mãe ativa.

Como vemos, alguns autores respondem à questão do destino da pulsão sádico-anal na mulher apresentando-a como uma transformação no seu oposto (masoquismo), enquanto outros, como Ruth Mack Brunswick falam da sublimação temporária deste componente até que ele seja retomado futuramente na função ativa maternal.

Estas considerações se apoiam principalmente na pulsão, sem colocar em evidência suas representações fantasmáticas e as relações objetivas concomitantes. Para Luquet-Parat seria importante fazer relações entre a pulsão e seu correspondente fantasmático em termos da cena primária. A cena primária típica da analidade está impregnada pela atividade ligada às pulsões sádicas dirigidas ao objetivo sexual. Nas suas fantasias da cena primária a menina teria projetado sobre o seio e depois sobre o pênis uma

agressividade muito intensa, sendo difícil para esta posteriormente tomar uma posição passiva em relação ao pênis devido a temores narcisistas ligados a sua integridade corporal e seu Ego. Para Parat, seria portanto a agressividade projetada no seio e depois no penis que explicaria os temores relativos a penetração.

Sabemos que a questão do destino dos impulsos agressivos na mulher e sua integração na identificação feminina é bastante complexa na medida em que o desenvolvimento libidinal feminino não facilita nem a descarga nem o deslocamento. Vejamos o que Freud diz em 1933:

"The suppression of women's aggressiveness which is prescribed for them constitutionally and imposed on them socially favours the development of powerful masochistic impulses, which succeed, as we know, in binding erotically the destructive trends which have been diverted inwards".

André Green (1972) sugere que o direcionamento interno da agressividade poderia corresponder à localização anatômica dos órgãos genitais femininos. Essa agressão orientada internamente e contida pode representar então um perigo permanente aos investimentos (cathexias) objetais e um reforço dos investimentos (cathexias) narcísicos. Essa agressividade voltada para o interior, que resulta num incremento das cathexias narcísicas, impede o desenvolvimento das cathexias eróticas relacionadas com as boas experiências passadas (com a mãe, por exemplo), para outro objeto pai, ou outro homem posteriormente. Além disso a agressividade na mulher se constitui num problema complexo, já que se esta expressá-la muito livremente, externalizando-a sobre os objetos, coloca em risco a própria identidade feminina tal como ela é

concebida na nossa cultura.

A Feminilidade para Green (1972) corresponderia a esta cathexização intensa do mundo interior devido a fixação da libido internamente e a mecanismos defensivos, resultantes do medo (desejo) de danificar objeto. André Green já chama portanto a atenção para a existência de mecanismos defensivos presentes na "feminilidade" e que diriam respeito ao medo/desejo de danificar o objeto. O que se coloca como questão nesta parte do trabalho, é até que ponto a flexão total do sadismo em masoquismo na feminilidade pode corresponder a uma repressão e contra - investimento pulsional visando proteger o penis e o objeto.

Não pretendemos aqui, analisar detalhadamente o mecanismo de flexão das pulsões agressivas na mulher, no movimento masoquista feminino, considerado como necessário numa abordagem psicanalítica, para estabelecer a receptividade feminina. Esta receptividade é, segundo a maioria dos autores, dada pela tomada ativa do papel passivo em relação ao objeto, e deveria se constituir numa preferência em função do prazer. A assunção feminina do masoquismo implica em toda uma série de identificações não conflituais com a mãe, podendo assim a menina experimentar o amor por um homem, objeto diferente dela, portador do pênis que ela não possui, e, portanto diferente, complementar e por isso mesmo amado e desejado.

Pretendemos, por outro lado, enfatizar, que na sexualidade feminina, o componente sádico anal seria utilizado na incorporação do penis pela vagina, que tem como correspondente fantasmático o desejo de conservar o penis para si. Acreditamos ser necessário insistir sobre o fato de que consideramos que

a sexualidade feminina comporta elementos ativos derivados do componente sádico-anal, na medida em que a maioria dos autores não o levam em consideração. No entanto, é interessante lembrar que o próprio Freud já havia encontrado esboços desse desejo feminino de conservar em si o pênis, através da análise de sonhos de mulheres após o primeiro coito. (1917). Ferenczi, havia também identificado no desejo de conservar (reter) o pênis na vagina, um desejo tipicamente feminino, que revelaria o objetivo de ser fecundada ou de fazer através do pênis, um filho. Ferenczi havia observado também, que talvez nesta incorporação do pênis, se manifestasse uma "tendência castradora feminina". Se na experiência real do coito, esta incorporação do pênis é de forma temporária, fantasmaticamente, "ela tende à totalidade e à permanência". Smirgel (1975). O comportamento receptivo feminino, teria portanto uma finalidade ativa a nível fantasmático, revelada no desejo de incorporação do pênis. Este desejo pode ser, dependendo de fatores presentes na relação anterior com a mãe, fonte de sentimentos de culpa, angústia, inibições e sintomas. É exatamente este desejo ativo de incorporação, que pode ser fonte de sentimentos de culpa, que a maioria dos autores psicanalíticos deixa de lado, enfatizando apenas a agressividade da mulher que é projetada sobre o pênis, como resultado da frustração primária impingida pelo seio materno. Isto faria com que os ataques dirigidos ao seio, por equivalência, mais tarde, se dirijam ao pênis. O pênis, por projeção, seria vivido como um órgão perigoso no momento da incorporação pela vagina, despertando temores de que possa causar danos à sua integridade física e à do Ego, quando a menina assumir sua posição feminina frente ao objeto. A

grande parte da literatura psicanalítica revista por nós, enfatiza portanto as relações primárias da menina com o seio como, responsáveis pela futura produção de fantasmas e medos em relação ao penis e à penetração; deixando de fora a experiência da analidade em seus aspectos objetivos e pulsionais. Como já dissemos, não há quase nenhuma menção à participação do componente sádico anal na sexualidade feminina, como se esta excluísse toda atividade e agressividade derivada deste componente. Acreditamos que a analidade pode ser uma experiência rica e por isso conflitiva, "constituindo-se num elo simbólico fundamental para o acesso à genitalidade." (Niceas)*

Quando este está mal integrado devido a má-relação anterior com a mãe, vemos que ele é fonte de poderosos sentimentos de culpa em relação ao pênis (e ao pai). Há uma cisão entre seus componentes não conseguindo a mulher usufruir da transferência positiva do erotismo-(sadismo)-anal para a vagina, necessária à realização prazerosa da "incorporação" do penis.

Retomemos o que Freud postulou como uma equivalência simbólica no inconsciente, para repensarmos a questão da culpabilidade de incorporação do pênis. Vimos como as fezes são consideradas por Freud (1918), em seu significado inconsciente, como "ponto de apoio para que, em níveis diferentes, brotem os fantasmas de troca ou deslocamento". (Niceas)*. Tanto as fezes, como o penis e o bebê tem o significado inconsciente de "presente" e todos são considerados como "destacáveis" do corpo. Levemos isto

* Trabalho ainda não publicado.

em conta ao analisar os possíveis fantasmas resultantes da relação da menina com a mãe da analidade. A série "fezes-pênis-bebê" comporta deslocamentos, que servem para o sujeito em suas trocas libidinais com o objeto.* Na menina, para Freud, a inveja do pênis se resolveria no deslocamento simbólico, do pênis para o bebê. No entanto, retomemos a experiência real da perda das fezes e no que está pode representar, num dado momento da vida da menina.

Tomando como ponto de referência a analidade e a relação objetal que aí se estabelece, vimos que, pelo fato da menina não possuir um suporte anatômico (pênis) onde recuperar as fezes e o narcisismo ferido na sua relação com a mãe, ela se sente mais prejudicada e expoliada que o menino. Suas fezes teriam ficado em poder desta mãe super-controladora, possessiva, e intrusiva da analidade. Esta é a imagem que a criança constrói da mãe que não consegue respeitar os movimentos corporais ativos e prazerosos da criança como seus, assumindo, para isso, uma posição passiva frente a criança.

No decorrer da relação objetal anal, "a criança aliena em proveito da mãe, seus atos de domínio esfinteriano"**. Isso gera muita agressividade já que o interior do próprio corpo, que

* Niceas, C.A. trabalho não publicado

** Maria Torok (1975)

produz as fezes "caem" também sob o domínio e o controle materno. A agressividade dirá respeito ao desejo de "esvaziar" a mãe de seus valores e de seu poder. A menina deseja a "autonomia esfinteriana", a autonomia sobre o prazer de seu próprio corpo que lhe foi arrebatada pela mãe. "O desejo de possuir um pênis, no plano anal, significaria para a menina que o pênis/bastal fecal não foi retirado do corpo, ou seja, de que seu portador não foi destituído da sua própria autonomia esfinteriana" (1), e que por isso não existem motivos para odiar a mãe, podendo-se ter uma boa relação com ela. O pênis representaria portanto uma saída "não conflitu - al" do domínio materno, ou seja, uma saída que não implica em destituir a mãe de seus conteúdos, valores e prerrogativas. A saída que resta à menina através da idealização do pai e de seu pênis pode se conflitar, dado que esta exige, como vimos, a repressão e o contra-investimento do componente agressivo trazido da relação da menina com a mãe controladora da analidade. A menina poderá desejar arrebatado do homem, o que lhe foi arrebatado pela mãe da analidade, para assim recuperar as fezes e restituir o narcisismo ferido. Lembremos da equivalência simbólica entre fezes e pênis no inconsciente e façamos a hipótese de que a menina poderá desejar fazer com o pênis o mesmo que sua mãe fez com suas fezes, num plano fantasmático.

Na analidade a mãe possuiria as fezes, das quais a menina foi desprovida e as quais ela deseja retomar para si. Mais tarde o pênis-fezes no inconsciente pode representar aquilo que ela deseja retomar para si; reavendo assim as fezes perdidas e assim restaurando o seu narcisismo.

(1) Maria Torok, 1975.

A agressividade da mulher em relação ao pênis deve ser portanto considerada como possível fonte de sentimentos de culpa. A culpa é função do desejo de incorporação do pênis, que se utiliza para isso do componente sádico-anal.

Como já dissemos, as dificuldades de incorporação do pênis, se devem à má integração deste componente à genitalidade, que tem sua origem na má relação da menina com a mãe; e que se revela na intensidade e duração da cisão entre os elementos puramente agressivos e os elementos puramente eróticos do sadismo anal. Através do material clínico podemos nos dar conta de que, em geral, além das pacientes terem tido uma mãe muito ambivalente, se vera e controladora, esta mãe tampouco teria tido uma boa relação com o pai, menosprezando-o, dominando-o e "castrando-o". Ou seja estas pacientes tinham tido um pai ameaçado no seu prestígio, ou seja na sua potência fálica, pela mãe. Isso traz grandes dificuldades no plano das identificações e na relação da mulher com o homem. Amar sexualmente o pai, (edipicamente) poderia equivaler a fazer com ele o que a mãe fazia, castrando-o, incorporando sádicamente seu pênis e retendo-o dentro dela. O caráter destruidor da vagina estaria ligado ao componente anal "esfincteriano". Como defesa a se identificar com essa vagina da mãe e ao desejo de reter o pênis do pai dentro de si, a mulher pode, por culpa, se colocar numa situação fantasmaticamente inversa, que pode se revelar em sintomas fóbicos (claustrofóbicos) onde a paciente se identifica com o pênis do pai (conteúdo) ameaçado por um continente (vagina da mãe) destruidor. Segundo Smlrgel (1975) toda agressividade dirigida ao pênis através do desejo de conservá-lo para si, é contra-investida por culpa, sendo que a paciente identifica todo seu

corpo com o pênis do pai, enquanto que sua vagina destruidora é projetada no mundo externo visto como um continente na qual ela desaparece. As relações conteúdo-continente são comumente usadas nas fobias de forma invertida. (Exemplo: temor de ficar encerrada no elevador, e o desejo de conservar o feto no útero, as fezes no ânus e o pênis na vagina).

Com o retorno, ou contra investimento da agressividade, o paciente se sente como o conteúdo ameaçado de um continente destruidor. O que se reprime é o desejo ligado à incorporação e à retenção sádica-anal desse conteúdo pênis do pai na vagina. Isso provoca, na esfera sexual, dificuldades ligadas ao prazer de incorporação do pênis na penetração, ficando a vagina desprovida de seu investimento erótico, que é dado pela analidade, ficando assim todo investimento restrito ao clitóris, órgão externo. Sintomas como o vaginismo que impedem a penetração podem ser uma forma de proteger o pênis do poder destruidor da vagina.

Além disso como já observamos anteriormente a mulher pode, por culpa, fazer uma formação reativa aos seus desejos ativos/agressivos de incorporação, se oferecendo ao homem como um objeto passivo e inerte para ser por ele utilizado. Isso se manifesta em muitas mulheres por uma ausência total de contração vaginal durante as relações sexuais. Este sintoma expressa claramente o contra-investimento da pulsão sádico-anal de dominação.

Apesar de sabermos que a tomada ativa de uma finalidade passiva, que se convencionou chamar de movimento masoquista feminino, deve poder se constituir numa preferência em função do prazer, constatamos muitas vezes nisso uma obrigação neurótica que visa encobrir outros desejos. A culpa em relação ao desejo de incorporação do pênis pela vagina, se revela

no momento em que, para poder incorporar o pênis, a mulher oferece seu próprio corpo em lugar do pênis que ela deseja "roubar". Na realidade, reativamente, esta mulher "propõe a seu parceiro fazer com que ela, seu corpo e seu Ego, sofram o tratamento que ela impõe fantasmaticamente ao pênis" (Smirgel, 1975).

Concluimos que é necessária uma boa integração da agressividade (componente sádico-anal) à sexualidade feminina para dissipar a culpa em relação ao desejo de incorporação do pênis, contemporâneo a fase de primazia genital. Quando as pulsões sádico-anais estão culpabilizadas, estas contribuem para que a mulher se identifique ao objeto parcial (pênis do pai). Segundo Smirgel (1975) dá-se uma inversão de continente-conteúdo, a mulher se identifica ao pênis na vagina perigosa, ou ao bastão fecal no reto.

Para a posição feminina "neuroticamente" passiva e masoquista parecem concorrer conflitos superpostos do homem e da mulher. Da parte do homem, o conflito diria respeito à sua relação primitiva com uma mãe onipotente, da qual ele não conseguiu se libertar, desejando sobrepujá-la através da sua atual mulher, fazendo desta um apêndice dependente dele. Da parte da mulher já vimos que os conflitos femininos ligados a uma dificuldade de identificação com uma mãe perigosa e castradora, impedem um adequado investimento erótico no objeto substituto do pai amado. Este pai teria sido ameaçado pela mãe no seu "status" simbólico enquanto portador do pênis imaginariamente confundido com o "falo". A menina tenta assegurar fantasiosamente o poder fálico do pai, fazendo uma série de sintomas e inibições que revelam que esta não superou a relação conflitual com a mãe da analidade, ficando presa

a esta. Esta conjunção de fatores contribui para manter a mulher numa posição de objeto parcial do homem ou de um complemento para o seu uso.

A saída, ou seja, a liberação da menina da mãe da analidade, das dificuldades identificatórias com os progenitores, é, segundo Maria Torok (1975), a constituição de um inacessível ideal fálico (imagem mítica de um pai idealizado). Mas esta saída, que não envolve as identificações necessárias, se mostra deficiente, e o movimento "edipiano" cede logo lugar a uma reedição com o marido da mãe relação com a mãe da analidade marcada pela inveja do pênis.

"O benefício desta posição consiste em poupar-se um ataque de frente ao Imago materno e experimentar a profunda angústia, de livrar-se do seu domínio" (Torok, 1975).

Para livrar-se do domínio da mãe anal, a menina recorre ao pai, que é o objeto sexual da mãe. A menina se sente ameaçada frente à essa mãe de quem ela deseja escapar, precisando para isso se tornar sua rival ao buscar o pai. Clinicamente observamos que, para a menina, a saída não conflitual do estágio anal é difícil, dado que, para desprender-se da mãe ela se sente ameaçando o domínio desta mãe e rivalizando com ela pelo pai, o que resulta na maioria dos casos, numa repressão bastante intensa de todos os desejos da menina.

Para escapar a esse enfrentamento com a mãe, muitas vezes, a menina se deixa ficar como um "apêndice anal (a 'boneca') da mãe, e mais tarde",(se constitui)... "em 'falo' de seu cônjuge. Parece mesmo tratar-se aí de uma dificuldade universal

para o desenvolvimento da mulher, dificuldade que explica, grosso modo, a aceitação de uma condição de dependência em relação ao homem, herdeiro imagôico da mãe" (Torok, 1975).

IV - CONCLUSÃO

"Psycho-analysis does not try to describe what a woman is - that would be a task it could scarcely perform - but sets about enquiring how she comes into being, how a woman develops out of a child with a bisexual disposition".

(Freud, 1933)

O objetivo deste trabalho foi tentar obter uma melhor compreensão clínica de algumas manifestações sintomais tipicamente femininas tais como: sentimentos de desvalorização, de insuficiência, de dependência, e de inveja; além de dificuldades e conflitos na esfera sexual (frigidez, dispareunia, vaginismo, etc.) e de realização profissional.

Para isso examinamos a concepção freudiana da sexualidade de feminina, destacando as seguintes considerações:

- 1) A relação da menina com a mãe é fortemente ambivalente. A única relação não ambivalente e mutuamente satisfatória é a que une a mãe a seu filho homem.
- 2) A atitude hostil da menina para com a mãe nem sempre é uma consequência da rivalidade implícita no Complexo de Édipo. Esta se origina da fase precedente e apenas é reforçada e explorada na situação Edípica.
- 3) Há uma equivalência simbólica, no inconsciente, entre "fezes-pênis-bebê", sendo que pode-se considerar a perda das fezes

como um protótipo da castração.

- 4) A ameaça de castração na mulher é a ameaça de perda de amor.
- 5) As mulheres tendem a ser mais narcisistas que os homens.
- 6) O conteúdo do complexo de castração na mulher é a inveja do pênis.
- 7) A influência dos componentes anais é fundamental na construção da vida sexual e da atividade mental em geral.

Foi principalmente através da perspectiva do narcisismo que analisamos a questão da inveja do pênis, da ameaça de perda do amor e do incremento do narcisismo na mulher. A noção do narcisismo, tal qual Freud a introduziu em 1914, permitiu uma reinterpretação da relação primitiva da criança com a mãe, do complexo de castração e do próprio complexo de Édipo; contribuindo assim para ampliar e tornar mais complexa a nossa visão da sexualidade humana. A partir desta noção do narcisismo, a libido pode não somente investir um objeto exterior transformando-se em desejo sexual, como também, no narcisismo secundário, investir o próprio Ego. Levamos em consideração que o Ego se constitui, como unidade psíquica, a partir de uma imagem "emprestada" de outra pessoa (mãe) com a qual ele se identifica e repensamos, a partir daí, algumas questões ligadas ao narcisismo feminino. Dentro de uma visão ampliada do Édipo, podemos observar que, dependendo de como a mãe tiver elaborado sua própria castração e tiver alcançado uma melhor ou pior integridade narcísica, ela poderá proporcionar uma maior ou menor confirmação narcísica à sua filha mulher, com a qual ela se identifica.

A partir da perspectiva da analidade, examinamos a relação objetal da menina com a mãe e a experiência da perda das fezes. Vimos que a menina sofre de maneira distinta da do menino a experiência da perda das fezes, enquanto esta é um protótipo de castração. Sabemos que as fezes são investidas de valor erótico e narcísico pela criança. Retê-las e fazer delas o uso que se desejar, em termos de seu prazer, aumenta a autonomia e reforça o narcisismo da criança. A mãe severa, exigente, intrusiva e controladora, (ex: a mãe obsessiva), é vivida pela criança como a mãe que não permite a criança ter acesso a seu próprio prazer, ao seu sexo e à sua autonomia esfinteriana, alienando em favor da mãe, não só suas fezes mas seus próprios movimentos corporais internos. A criança se sente sob o domínio e o controle materno e fica cheia de hostilidade e de desejos de retirar de dentro do corpo da mãe seus conteúdos e valores e com desejos de destruir este centro de seu poder e domínio. Tentamos compreender a inveja do pênis como expressão simbólica do desejo da menina de se desprender do domínio materno. O pênis na fase fálica simboliza para a menina tudo aquilo que ela não tem, que não lhe é acessível, que lhe foi arrebatado pela mãe. Como já dissemos, o pênis desejado é o pênis idealizado, que possibilitaria a menina sair do domínio materno, suprimindo sua ferida narcísica. Além disso é à mãe que a menina dirige de início o seu pedido por um pênis. A menina não deseja uma "coisa" (pênis anatômico) mas sim ter controle e autonomia sobre seus atos, o que lhe permite exercer o domínio sobre si mesma e sobre as coisas em geral. Nesse momento ela se vê destituída pela mãe desse conjunto de atos e conteúdos que ela desejava possuir. Foi a partir desse contexto da analidade

que situamos a inveja do pênis. Esta seria a expressão de um desejo de suprimir sua ferida narcísica, ganhar autonomia, se apropriar de seu próprio corpo, de seu prazer, e de seu sexo arrebatado pela mãe anal. Ficou bastante claro portanto, que o desejo não é por um pênis "coisa", mas sim pela suposição ideal de completude e autonomia fâlica, capaz de suprimir qualquer falta, que se atribua ao pênis. O menino pode, por fazer essa suposição / ideal de seu pênis, sair do domínio materno sem conflitos, e sem precisar arrebatá-la à mãe, já que ele é possuidor de um pênis idealizado que ela não possui. Além disso, em geral, o menino pode se identificar com o pai, portador do "falo". Para a menina sair do domínio materno ela entra em um conflito, já que isto pode implicar em fazer uma "despossessão" sádica da mãe e de suas prerrogativas. A menina desprovida do suporte anatômico "pênis idealizado" e suprimida na sua atividade autônoma masturbatória, vê no menino possuidor do pênis aquele que "pode fazer tudo", aquele que pode ser detentor do seu prazer, sem sentimento de culpa. O pênis não está associado à incorporação culpável que a menina deseja. A menina se sente aprisionada à mãe pela culpa de desejar destituí-la do que lhe foi tomado, e lhe será difícil identificar-se com esta mãe "sádica", necessitada de completar-se através da posse de partes do corpo de outros. Uma das soluções neuróticas que a menina elege para não se enfrentar com essa mãe perigosa, é tornar-se um apêndice, um complemento da mãe; sem nunca ter acesso à sua própria integridade e autonomia. Esta seria dada pela "capacidade de obter o seu próprio prazer", identificando-se com os pais numa cena primária genital prazerosa. É de grande importância clínica levarmos em conta que uma mãe que ameaça a potência "fâlica" do

pai, tenderá a tornar conflitiva a identificação de sua filha com ela. A mãe, pela sua própria necessidade de reter junto a si a sua filha que lhe preenche o vazio, dificulta o acesso da menina ao pai. Ter seu próprio prazer, ser autonôma e gozar com o pênis, pode significar deixar a mãe pobre, vazia e insatisfeita. Por outro lado, se identificar com essa mãe, e se dirigir ao pai, pode significar castrá-lo, desprestigiá-lo, destituí-lo de seu valor.

Retomando Smirgel, existiria para ela um desejo fundamentalmente feminino de incorporar o pênis paterno, utilizando para isso o componente sádico-anal da sexualidade. Quando este é bem integrado, a incorporação do pênis na vagina é vivida de maneira prazerosa e não culpôgena. Quando elementos agressivos e sádicos prevalecem sobre os eróticos, dada a má relação anterior com a mãe, causando uma defusão entre aspectos eróticos e agressivos, a incorporação do pênis é conflituada e culpôgena, podendo provocar sintomas como dispaurenia, vaginismo, ou provocando a ausência total de contrações vaginais que tornam a incorporação pouco prazerosa. Estes sintomas, como já dissemos, tem suas raízes nas produções fantasmáticas relacionadas com a transferência de fatores agressivos prevalentes na relação prévia com a mãe e visam proteger o pênis de uma incorporação perigosa pela vagina. Além dos sintomas tipicamente sexuais, a conflitualização do componente sádico anal pode gerar culpa em outras esferas da vida da mulher. Na esfera intelectual, ou no plano das realizações/produções sublimadas é comum encontrarmos mulheres que sofrem de fortes sentimentos de culpa. Ou seja, haveria, segundo Smirgel, um sentimento de culpa frente a qualquer realização que implicasse a nível inconsciente

numa aquisição fálica, ou seja, à posse do pênis no inconsciente (com o significado de acabamento, completude narcísica e autonomia). Quando as catexias agressivas muito intensas, remanescentes da relação com a mãe se transferem para o pai e seu pênis, o significado fálico de uma realização intelectual pode significar para a mulher, que ela não apenas retém o pênis do pai desfalcando a mãe, mas que, além disso, ela castrou o pênis paterno, no que diz respeito à sua "potência fálica".

Quanto às criações simbólicas femininas podemos observar que a maternidade (o bebê) não substitui totalmente, como Freud pretendeu, a falta do pênis (com seu significado inconsciente). Se assim fôsse as mulheres mães não teriam mais o desejo de criar. Freud (1914) diz que uma das contribuições narcísicas que somos capazes de nos oferecer, é fornecida pelas nossas realizações pessoais. Criar, segundo Janine C. Smirgel, é fazer "qualquer coisa além de ser mãe, e é aqui que atingimos o significado fálico deste ato e da inveja do pênis", no que este revela o desejo de suprimir as feridas narcísicas (já que o pênis tem no inconsciente o significado de integridade narcísica. Concordamos com Chasseguet-Smirgel que "se considerarmos que, no inconsciente, qualquer golpe sofrido pelo narcisismo, em todos os planos, é equivalente à castração - em virtude do valor narcísico atribuído ao pênis por ambos os sexos - parece que as mulheres, tanto quanto os homens, jamais deixam de temer a castração, pois mesmo que já tenham "perdido" o pênis, elas podem ainda perder alguma coisa que conserve um significado fálico: "as mulheres realmente não se libertam do desejo pelo pênis imaginariamente confundido com o falo, pois qualquer tentativa de suprimir uma falta guarda o

significado inconsciente de aquisição fálica. (Tudo que funciona bem, sem falhas, que suprime as faltas, tem um significado inconsciente fálico).

Acreditamos que as contribuições de Grunberger, Smirgel e Torcksão importantes para a nossa prática clínica, na medida em que estes não usam seus pacientes para comprovar uma teoria, mas saem da cena de debate teórico para escutar clinicamente: a analisanda que fala, deitada no divã, não é porta-voz de uma escola.

O que estes autores trazem de novo em suas contribuições, foi obtido através de uma reflexão sobre a sua escuta analítica. Smirgel ao considerar a inveja do pênis como originando-se no desejo de desprender-se da mãe para se tornar, não um homem, mas autônoma, mulher, muda inteiramente a visão clínica dos fatos. Não podemos mais interpretar o desejo de realização profissional como uma inveja do pênis, no sentido de uma "reinvindicação viril", mas como um desejo legítimo de reparar, de restaurar o narcisismo ferido. Interpretá-lo como inveja, só viria de encontro aos sentimentos de culpa da paciente. (tão agenciados culturalmente também). É necessário sim, trabalhar no sentido de uma elaboração dos conflitos gerados na relação primitiva com a mãe e que levaram à feridas narcísicas profundas e na conflitualização das pulsões sádico-anais; para que se abra o acesso ao desejo feminino, não alienado em favor do outro.

Concluimos que as diferentes intensidades de inveja do pênis dizem respeito à menor ou maior "integridade" narcísica que a menina possa ter adquirido, através de sua relação primitiva

com sua mãe e outras pessoas significativas.

Concordamos com Grunberger (1979) que, num desenvolvimento normal, a criança pode-se fazer tão mais independente do suporte narcisista de seus progenitores, quanto mais lhe tenha sido proporcionado, na sua relação primitiva com a mãe, a confirmação narcísica indispensável. Se esta confirmação lhe tiver sido dada, a criança se sente "forte" para utilizar seus próprios recursos, podendo então dar a si mesma este suporte narcísico fundamental. "Este longo processo de integração mútua entre o narcisismo e o Ego se dará por terminado quando o sujeito alcançar sua própria integridade narcísica, se fazendo semelhante a si mesmo, ou, em termos edípicos, quando ele é pai ou mãe por sua própria conta".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BELOTTI, Elena G. "Du Côté des petites filles", Editions des Femmes, 1974.
- BONAPARTI, Marie - "De la Sexualité de la Femme", Paris, P.U.F. (1951) (Bibliothèque de Psychanalyse et de Psychologie Clinique).
- CHASSEGUET - Smirguel, J. - "A culpa feminina" em A Sexualidade Feminina, Editora Vozes, 1975.
- CHASSEGUET - Smirguel, J. - "Freud and Female Sexuality", Int. J. of Psycho-Analysis, 1976, nº 57, pg. 275.
- DEUTSCH, Helene - "The Psychology of Woman in Relation to the Functions of Reproduction", The Psycho-Analytic Reader, 1950 nº 38, The Hogarth Press, London, pg. 165.
- DEUTSCH, Helene - "The Significance of Masochism in the Mental Life of Women", The Psycho-Analytic Reader - nº 38, pg. 195, The Hogarth Press, London, 1950.
- FERENCZI, Sandor - "Thalassa" - "Psychanalyse des Origines de la Vie Sexuelle" (1928), Petite Bibliothèque Payot, nº28, Paris, 1962.
- FREUD, Sigmund - "The Psychotherapy of Hysteria", S.E. vol. II, 1896.
- _____. "Three Essays on the Theory of Sexuality", Standard Edition, vol. VII, 1905.
- _____. "Creative Writers and Day-Dreaming", S.E., vol. IX, 1908 (1907).

- FREUD, Sigmund - "Civilized Sexual Morality and Modern Nervous Illness", S.E., vol. IX, 1908.
- _____. "On the Sexual Theories of Children", S.E. vol. IX, 1908.
- _____. "Analysis of a Phobia of a Five-Year Old Boy", S.E., vol. X, 1909.
- _____. "Notes upon a Case of Obsessional Neurosis", S.E., vol. X, 1909.
- _____. "A Special Type of Choice of Object Made by Men", (Contributions to the Psychology of Love, I), Standard Edition, vol. XI, 1910.
- _____. "On the Universal Tendency to Debasement in the Sphere of Love", (Contributions to the Psychology of Love, II). Standard Edition, vol. XI, 1912.
- _____. "The Taboo of Virginity" (Contributions to the Psychology of Love, III), Standard Edition, vol. XI, 1917.
- _____. "Totem and Taboo", S.E. vol. XIII, 1913 (1912).
- _____. "On Narcissism", An Introduction. Standard Edition, vol. XIV, 1914.
- _____. "Instincts and their Vicissitudes", S.E., vol. XIV, 1915.
- _____. "On Transformations of Instinct as Exemplified in Anal Erotism", Standard Edition, vol. XVII, 1917.
- _____. "From the History of an Infantile Neurosis", S.E., vol. XVII, 1918 (1914).

FREUD, Sigmund - "A Child is being beaten" - A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions, Standard Edition, vol. XVII, 1919.

_____. "Beyond the Pleasure Principle" (1920), S.E., vol. XVIII (1920).

_____. "Group Psychology and the Analysis of the Ego", S.E., vol. XVIII (1921).

_____. "The Psychogenesis of a Case of Homosexuality in a Woman", Standard Edition, vol. XVIII, 1920.

_____. "The Ego and the Id, Standard Edition, vol. XIX, 1923.

_____. "The Infantile Genital Organization". An Interpolation into the Theory of Sexuality, Standard Edition, vol. XIX, 1923.

_____. "The Dissolution of the Oedipus Complex", Standard Edition, Vol. XIX, 1924.

_____. "Some Physical Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes", Standard Edition, vol. XIX, 1925.

_____. "Inhibitions, Symptoms and Anxiety", S.E., vol. XX, 1926 (1925).

_____. "The Question of Lay Analysis", S.E., vol. XX, 1926.

_____. "Fetichism", Standard Edition, vol. XXI, 1927.

_____. "Female Sexuality", Standard Edition, vol. XXI, 1931.

_____. "New Introductory Lectures on Psychoanalysis", (On Fertility), Standard Edition, vol. XXII, 1933.

FREUD, Sigmund - "An Outline of Psycho-Analysis", S.E., vol. XXIII, 1940 (1938).

_____. "Los Origenes del Psicoanálisis", XXII - Obras Completas. Cartas, manuscritos y notas (1887-1902), (Carta nº 71 a Fliess), Santiago Rueda Editor, pg. 261/262.

GODINO-CABAS, A. - "El narcisismo y sus destinos", Ed. Trieb, 1980.

GREEN, André - "Aggression, Feminity, Paranoia and Reality", Int. Journal of Psycho-Analysis (1972), vol. 53, pg. 205.

GRUNBERGER, Bela - "El Narcisismo", Ed. Trieb (1979).

_____. "Indicações para o Estudo do Narcisismo na Sexualidade Feminina", em "A Sexualidade Feminina", Editora Vozes, 1975.

LAMPL DE GROOT, J. - "La evolución del complejo de Edipo en las Mujeres" em "Psicoanálisis y Sexualidad Femenina", Ediciones Hormé, 1967, Ed. Paidós Buenos Aires.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. - "Vocabulario de Psicanálise", Martins Fontes Editores, 2ª edição.

LEZINE, Irene - "Le développement psychologique de la première enfance", Paris, PUCF, 1965.

LUQUET-PARAT, C.J. - "A troca de Objeto" em "A Sexualidade Feminina", Editora Vozes, 1975.

MACK BRUNSWICK, R. - "The Preoedipal Phase of the Libido Development", The Psycho-Analytic Reader, nº 38 (1940). The Hogarth Press, London, 1950.

- MARMON, Judd - "Algunas Consideraciones Relativas al Orgasmo" em "Psicoanálisis y Sexualidad Feminina", Ed. Hormé, 1967.
- MASOTTA, Oscar - "El Modelo Pulsional", Ed. Altazor, 1980, Argentina.
- MAC DOUGALL, Joice - "A Homossexualidade Feminina" em "A Sexualidade Femina", Ed. Vozes, 1975.
- MITCHELL, Juliet - "Psycho-Analysis and Feminism", Vintage Books, 1975.
- MOORE, Burness E. - "Freud and Female Sexuality", Int. J. Psycho-Analysis nº 57, pg. 287 (1976).
- SALOMÉ, Lou-Andreas - "Anal y Sexual" (1916), "Revista de Psicoanálisis Psiquiatria y Psicología", nº 10, Editada por Letra Viva, Buenos Aires, 1981.
- STRACHEY, James - "The Standard Edition of the complete works of Sigmund Freud", vol. XIX, pg. 243.
- TOROK, Maria - "O Significado da 'Inveja do Pênis' na Mulher", A Sexualidade Feminina, Editora Vozes, 1975.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund - "The Psychotherapy of Hysteria", S.E., vol. II, 1896.
- _____. "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria", S.E. vol. VII, 1905 (1901).
- _____. "Character and Anal Erotism", S.E., vol. IX, 1908.
- _____. "Family Romances", Standard Edition, vol. XIX, 1909.
- _____. "Mourning and Melancholia, Standard Edition, vol. XIV, 1917.
- _____. "A Case of Paranoia running counter to the Psycho-Analytic Theory of Disease", Standard Edition, vol. XIV, 1915.
- _____. "Some Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality", Standard Edition, vol. XVIII, 1922.
- _____. "The Economic Problem of Masochism", Standard Edition, vol. XIX, 1924.
- _____. "Analysis Terminable and Terminable", Standard Edition, vol. XXIII, 1937.
- FREUD, S. e SALOMÉ, Lou-Andreas - "Correspondencia Completa", 1975, Ed. Imago.
- HORNEY, Karen - "La Negación de la Vagina" em "Psicoanálisis y Sexualidad Feminina", Ediciones Hormé, 1967.
- IRIGARAY, Lucy - "Ce sexe quin'en est pas un", Les Éditions de Minuit, 1977.

- JONES, Ernest - "El desarrollo temprano de la sexualidad femeni
na" em "Psicoanálisis y Sexualidad Feminina", Ediciones
Hormé, 1967.
- MANNONI, Octave - "Freud e a Psicanálise", Editora Rio, 1976.
- RIVIÈRE, Joan - "La Femeineidad como mascara", La Sexualidad
Feminina, Ediciones Homo Sapiens, Argentina, 1979.
- THOMPSON, Clara - "La Envidia del Pene" en Las Mujeres" em
"Psicoanálisis y Sexualidad Feminina, Ediciones Hormé, 1967.
- WINNICOTT, D.W. - "O Brincar e a Realidade", Imago Editores,
1975.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia
da FUC/RJ ,fazendo parte da Banca Examinadora os seguin-
tes professores:

Esther Frankel

Esther Frankel
FUC/RJ- Deptº Psicologia

Terezinha Féres Carneiro

Terezinha Féres Carneiro
FUC/RJ-Deptº Psicologia

Anamaria Ribeiro Coutinho

Anamaria Ribeiro Coutinho
FUC/RJ- Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 28 de setembro
de 1982.

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.